

Ministro da Fazenda de Jânio é Homem de Palha da Panair

Texto na 2ª página do 2º caderno

NOVOS RUMOS

ANO I

Rio de Janeiro, semana de 10 a 16 de março de 1961

Nº 105

Diretor Executivo — Orlando Bonfim Jr. | Diretor — Maria Velas | Redator-Chefe — Fragman Borges

Atrito Jânio-Berle: Povo Exige Medidas Concretas Contra Trustes

Vitoriosa a

primeira greve

na F.N.M.

Texto na 2ª página
do 1º caderno

Blas Roca:

a revolução

é invencível

EM ENTREVISTA ao nosso companheiro Almir Matos (foto), o 1º secretário do Partido Socialista Popular — o partido dos comunistas cubanos — esclarece importantes aspectos da revolução que libertou a pátria de Martí da dominação imperialista e abriu os caminhos da independência, do progresso e da liberdade. Blas Roca acentua o caráter profundamente popular da revolução e afirma que ela é invencível. Diz, entre outras coisas, o que o povo cubano espera do sr. Jânio Quadros (1ª pág. do 2º caderno).



O DESFECHO da entrevista Jânio-Berle faz aumentar o interesse do povo brasileiro acerca das medidas anunciadas pelo atual governo no terreno da política exterior. São medidas positivas, cuja concretização constitui uma necessidade inadiável. Mas, ao lado dessas providências, que não devem ser um simples biombo, o povo exige a aplicação de uma política patriótica, sobretudo no plano econômico-financeiro, em lugar das concessões aos trustes, que vêm sendo feitas pelo Ministério de Jânio. (3ª pág. do 1º caderno).

Camponeses mineiros
vão realizar

Congresso

Texto na 6ª página

Entreguistas

pedem a liquidação

da Petrobrás

Texto na 8ª página



Eleições no Chile: Comunistas Avançam Enquanto o Governo Perde Terreno

Texto na 7ª página

Oposição

ALMIR MATOS

O ANUNCIADO malágo da missão que trouxe ao nosso país o sr. Adolf Berle Junior, enviado especial do presidente Kennedy, serviu para mostrar ao nosso povo, com toda clareza, a que extremos chegam certos círculos políticos em sua submissão aos interesses dos grandes monopólios norte-americanos. Qual a proposta apresentada por Berle ao governo brasileiro? «O Globo», vangloriando-se de oferecer a «versão verdadeira» dos fatos ocorridos em Brasília — isto é, apresentando o ponto-de-vista oficial da embaixada norte-americana — esclarece em que consistia o recado transmitido por Berle: o governo dos Estados Unidos está disposto a conceder ao Brasil um crédito de 100 milhões de dólares, enquanto o Brasil se obriga a apoiar oficialmente uma «ação conjunta» para esmagar pelas armas a revolução cubana. Trata-se, como se vê, de um exemplo típico da diplomacia de «gangsters», que tem no sr. Adolf Berle, como em geral nos figurões do Departamento de Estado, um especialista de longa e provada carreira.

REPELIR uma barganha tão afrontosa e repugnante constitui, porém, para «O Estado de São Paulo» e o «Jornal do Brasil», um gesto treslucado, de consequências fatais para o nosso país e para a chamada «unidade continental». O jornal dos grandes banqueiros paulistas chega mesmo a fazer graves advertências ao sr. Jânio Quadros, repetindo os mais surrados chavões do anticomunismo. Não importa o entusiasmo com que apoiaram a candidatura do atual presidente da República, nem valem os louvores com que se referiam à sua sagacidade política. Para a «grande imprensa» tão sagrados e intocáveis são os interesses do imperialismo norte-americano que a única atitude admissível diante deles é a obediência cega, total e indiscutível. A «habilidade» é aceita e recomendável em todos os terrenos, menos naquele que se converteu em artigo de fé: a submissão aos interesses e às ordens de multi-milionários estrangeiros, que constroem o império do dólar exatamente à custa da pilhagem de países como o Brasil.

REFERIMOS-NOS, até aqui, a jornais que apoiaram a candidatura do sr. Jânio Quadros. Mas, essa mesma atitude, de completa abdicção dos sentimentos nacionais, se revela em círculos que participaram no governo do sr. Juscelino Kubitschek e que, em nome da oposição ao atual governo, agitam desde agora a extravagante bandeira JK 1965. Se, por exemplo, o deputado Abelardo Jurema toma posição contra o restabelecimento de relações com os países socialistas, o «Diário Carioca» tem a audácia de defender o embaixador Berle Jr. e exaltar as suas arraigadas convicções democráticas. Juntam-se, pela vista, orientados pelo mesmo estímulo: o temor a tudo o que, mesmo de leve, possa parecer uma restrição patriótica às conveniências do imperialismo norte-americano.

O POVO brasileiro tem motivos muito sérios para fazer oposição ao governo do sr. Jânio Quadros. Mas, está suficientemente esclarecido para não confundir essa oposição com a defesa de interesses contrários aos do Brasil. O povo se opõe, antes de tudo, à própria essência do governo que aí está, cuja orientação entreguista e reacionária se reflete na composição de um ministério em que ressaltam nomes como o sr. Clemente Mariani, discípulo confessado de Eugênio Gudin, e o sr. Afonso Arins, tão pressuroso em pedir desculpas a Berle. Os patriotas se opõem à política econômico-financeira que, seguindo a risca os figurões do FMI, mantém a portaria 113 e, com a esperada reforma cambial, abre ainda mais as portas do país à penetração do capital americano, ao mesmo tempo em que limita as possibilidades de desenvolvimento da indústria nacional. Os trabalhadores se opõem à política reacionária de «operar o cinto», de desemprego e carestia, enquanto crescem os lucros dos monopólios estrangeiros e de uma minoria de privilegiados. Opõem-se, enfim, ao atual governo, todos os que desejam que o Brasil se liberte da dependência ao imperialismo e ao latifúndio, causas de nosso atraso e da miséria de nosso povo.

ESSA é a oposição do povo. E o povo sabrá fazer com energia e firmeza.

Vitoriosa a Primeira Greve na Fábrica Nacional de Motores

A nota mais sensacional do movimento operário da última semana foi dada pelos 4.500 trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores, que paralisaram completamente as suas atividades...

cessárias ao reajustamento salarial prometido, porque estivera doente, e que, no momento, nada mais poderia fazer, porque estava demissionário. O referido engenheiro, depois de salientar que o problema deveria ser resolvido pelos futuros diretores, fez um apelo aos operários para que retornassem às suas atividades...

reito de sindicalização há cerca de 10 anos, foi esta a primeira vez que a Fábrica Nacional de Motores teve a sua atividade paralisada, como decorrência de um movimento grevista.

Surpresa

O movimento paralisista, a primeira realizada na FNM, desde a sua fundação, eclodiu exatamente às 9 horas da manhã, quando teve início o pagamento dos salários referentes ao mês de janeiro...

Concentração no sindicato

Constatada a impossibilidade de solucionar o problema naquela oportunidade, a administração da empresa, que já se mostrava muito preocupada com o grande número de trabalhadores que se concentrava em frente aos seus escritórios, acabou, ela mesma providenciando os meios de transportes necessários...

Assembléa da vitória

Às 16 horas, sob a direção dos líderes Benedito Cerqueira e José Leis, respectivamente presidente e secretário do Sindicato dos Metalúrgicos, tinha início a maior assembléa até hoje realizada pelos trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores...

Razões da greve

Desde outubro do ano passado, quando foram decretados os novos níveis de salário mínimo, que os operários da Fábrica Nacional de Motores vêm fazendo sentir à administração da empresa a necessidade de proceder a um reajustamento salarial...

Mais de três mil trabalhadores da FNM concentraram-se no Palácio da Metalúrgica, conduzidos que foram pelos ônibus da própria empresa. Enquanto isso, uma comissão de seus representantes continuava em entendimentos com os antigos e novos administradores da fábrica...

Isolados numa área distante da zona industrial da Guanabara, e do próprio centro do município de Duque de Caxias, os operários da FNM viveram sempre sob pressão de elementos reacionários, que procuravam dificultar por todos os meios, a sua organização sindical. Embora durante o ano de 1953 experimentassem algum progresso na luta pela liberdade de organização sindical, foram obrigados a recuar durante os anos de 1954 e 1955...

Nas greves gerais dos metalúrgicos realizadas em 1955 e 1957, comandadas pelo seu Sindicato, os operários da FNM não puderam participar. Foram os únicos a ficar de fora. Por tudo isso foi grande a surpresa, tanto para a administração da fábrica, como para antigos líderes sindicais, a eclosão do movimento do último dia 3, que marcou a realização da primeira greve na Fábrica Nacional de Motores. Greve total, que revelou a existência de novos líderes, e constituiu um importante fator para o desenvolvimento da consciência de classe daqueles operários...



Assembléa da vitória: trabalhadores da FNM

Pela primeira vez, os 4.500 trabalhadores da Fábrica Nacional de Motores vão a greve e, graças à firmeza e à unidade reveladas, conseguem ver atendidas as suas reivindicações. Um fato a destacar é que a greve surgiu tendo em sua direção novos líderes, proletários no curso da própria luta. A foto é da grande assembléa, no Palácio da Metalúrgica, em que foi aprovado o reajustamento de salários.

UMA VITÓRIA DOS TRABALHADORES

Açúcar: Aumento de Salários Sem Elevação Dos Preços

Cerca de 30 mil trabalhadores da indústria do açúcar dos Estados de São Paulo, Guanabara e Rio de Janeiro conseguiram conquistar um reajustamento salarial e evitar, ao mesmo tempo, a elevação do preço do produto, que vinha sendo imposta pelos empregadores como condição para o aumento salarial.

les e as populações paulista, carioca e fluminense permaneceram na expectativa, aguardando a eclosão do movimento grevista e o conseqüente colapso no abastecimento do açúcar, em virtude da intransigência patronal, que ameaçava levar os trabalhadores à greve geral, reivindicando melhores salários.

Os trabalhadores, atendendo à solicitação do ministro do Trabalho e do diretor do Departamento Nacional do Trabalho, adiaram várias vezes a eclosão do movimento grevista, desde que as solicitações eram formuladas mediante argumentação de que as autoridades ministeriais careciam de tempo para estudar uma fórmula que permitisse a elevação dos salários sem a concessão do aumento do preço do produto, até então imposto pelos empregadores.

Mostrando sua decisão de contribuir para a luta pela contenção do custo de vida, os trabalhadores deram os prazos que lhes foram pedidos, ao mesmo tempo que se prepararam para a paralisação do trabalho.

O aumento, 37% para os trabalhadores paulistas e 35% para os cariocas e fluminenses, foi resultado de uma longa campanha que culminou com a greve de cerca de mil operários das refinarias Magalhães, Piedade e Ramiro, situadas no Estado da Guanabara, cujos proprietários, acostumados a ficar com a parte do leão nas campanhas salariais, negaram-se a firmar o acordo assinado pelos representantes das demais refinarias, sob a alegação de que necessitavam de permissão para reajustar o preço do produto.

O acordo firmado

Durante vários dias os comercian-

firmar o acordo sem o reajustamento no preço do produto, as autoridades do Ministério do Trabalho resolveram solicitar à Procuradoria Geral da Justiça do Trabalho a instauração ex-officio do dissídio coletivo, e pleitear a concessão do aumento por extensão.

Reafirmação de um líder

A propósito da vitória conquistada pelos trabalhadores na indústria do açúcar, conseguindo que a maioria das empresas firmasse um acordo salarial sem subordiná-lo à elevação do preço do produto, o ministro do Trabalho,

Dr. Castro Neves, afirmou, numa reunião com líderes sindicais paulistas: «É a primeira vez que os trabalhadores conquistam benefício dessa natureza, sem implicar no aumento dos preços dos gêneros.» Logo depois o ministro Castro Neves conclamou a classe operária a seguir o exemplo dos comandados do dirigente sindical Luis Tenório de Lima. Luis Tenório de Lima é um antigo e respeitado líder dos trabalhadores na indústria de alimentação, e sua atividade é caracterizada pelo mais devoto zelo aos interesses das massas trabalhadoras do Estado de São Paulo.

Defende Teu Direito

A.J.S. (Campos — Est. Rio de Janeiro).

Alega o consultante que trabalha tanto quanto um seu colega com a mesma produtividade e a mesma perfeição técnica, sendo idênticas as funções desempenhadas. Vence, portanto, o mesmo salário. Está correto?

Resposta: A Constituição Federal, no seu art. 157, II, proíbe a "diferença de salário para um mesmo trabalho, por motivo de idade, sexo, nacionalidade ou estado civil".

A Consolidação das Leis do Trabalho, nos arts. 5.º e 461, consagra a mesma tese, regulamentando-a. Em tese, portanto, se o consultante faz o mesmo trabalho, com a mesma produtividade e a mesma perfeição, deve perceber o mesmo salário.

De outro lado, não basta que o trabalho realizado tenha o mesmo valor, feito com a mesma produtividade e a mesma perfeição técnica. A equiparação salarial só é possível "entre pessoas cuja diferença de tempo de serviço não for superior a dois anos". (Consolidação, art. 461, § 1.º).

Se todas as condições estabelecidas pela lei forem satisfeitas, acreditamos que o consultante tenha êxito na sua reclamação.

J.N.M. (Vitória — Est. Espírito Santo).

O consultante, com 9 anos e 7 meses de casa foi despedido, prontificando-se o empregador a pagar-lhe as reparações na seguinte proporção: 10 períodos de indenização e 1 mês de Aviso Prévio. Está correto?

Resposta: Apesar de não ser estável, o empregado está às vésperas da estabilidade. O empregador pode despedir o empregado em qualquer época, desde que a despedida seja feita com o fim de obter o pagamento da indenização prescrita nos arts. 477 e 478.

Os Tribunais Trabalhistas têm entendido, em pronunciamentos constantes, que despedido o empregado, depois de 9 anos e 6 meses de vigência do contrato de trabalho, a indenização em dobro será sempre devida, isto quando o empregado não concorrer com nenhuma causa para a rescisão contratual.

No caso, admitindo a inexistência de justa causa, foram oferecidas ao empregado as indenizações e o Aviso Prévio.

O consultante tem, pois, direito, a receber o correspondente a 20 meses de indenização e a um mês de Aviso Prévio.

G.C. (Estado da Guanabara).

Como já se frizou, na resposta à primeira consulta, o mesmo trabalho deve merecer, sempre, a mesma remuneração. A lei não permite que se pague metade do salário a menor, pelo simples fato de ser ele menor. Permite que se pague a metade do salário a menores aprendizes, submetidos a aprendizado metódico, devidamente programado, fiscalizado e autorizado pelo S.E.N.A.I. e pelo S.E.N.A.C., como estipulado no art. 80 da Consolidação das Leis do Trabalho e regulamentado no Decreto n.º 30.342, de 24.12.1951.

Se o consultante, não é aprendiz, deve recorrer à Justiça do Trabalho, reclamando diferenças salariais, não perdendo de vista que, apesar do disposto no art. 11 da Consolidação "... prescreve em dois anos o direito de pleitear a reparação de qualquer ato...", contra os menores de 18 anos não corre nenhuma prescrição, de acordo com o art. 410 da mesma Consolidação.



Deocleciano (CNTI) Intimidado a Dar Conta de 8 Milhões

A comissão de inquérito instituída para averiguar as irregularidades cometidas no Fundo Social Intimou o sr. Deocleciano de Hollanda Cavalcanti a prestar contas da verba de 8 milhões de cruzeiros, que recebeu em

1951, para aplicar em construções imobiliárias destinadas aos trabalhadores. A referida prestação de contas terá de ser feita até o próximo dia 10, quando, pelo menos, uma parte da história há de ser contada pelo sr. Deocleciano de Hollanda Cavalcanti, presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria, e conhecido e intransigente defensor do sindicalismo «livre».

A outra parte, se é que a comissão de inquérito está realmente interessada em conhecer, deverá ser contada pelos líderes sindicais reconhecidamente honestos da Guanabara, que

conhecem muito bem os detalhes de escândalo dos 8 milhões de cruzeiros, e de outros semelhantes.

O sr. Arnaldo Sussekind, que preside a citada comissão de inquérito, desempenhou, por muito tempo, a função de assessor da CNTI. Esse fato, por certo, não o deixará constrangido, e nem o impedirá de levar até o fim a missão que lhe foi designada pelo presidente da República, a não ser que haja outras razões para isso. Contudo, os trabalhadores esperam que o inquérito seja para valer, e que os seus autênticos líderes sejam chamados a depor.

Aeroviários elegeram sua nova diretoria

A chapa encabeçada pelos dirigentes sindicais Othon Canedo Lopes, Moacir de Sá Palmeira e João da Silva Matos saiu vitoriosa do pleito que se realizou entre os dias 27 de fevereiro e 3 de março corrente, para a escolha da nova Diretoria do Sindicato Nacional dos Aeroviários. A chapa vencedora recebeu 2.030 votos, enquanto que a encabeçada pelos líderes sindicais Juracy Costa, Altair Hespanha e Zambira Joaquim dos Santos obteve 1.734 votos. A posse da nova Diretoria deverá ser efetuada ainda neste mês e, ao que tudo indica, se caracterizará como um ato de congraçamento de toda a combativa categoria profissional de aeroviários, uma vez que os componentes de ambas as chapas que concorreram ao pleito eleitoral demonstraram a sua decisão de continuar trabalhando pela unidade da corporação e pela conquista das suas reivindicações.

Solidariedade e Revolução Cubana

Ribeirão Preto, fevereiro (Do Correspondente) — Estudantes, trabalhadores e grupos nacionalistas desta cidade iniciaram uma vasta campanha de solidariedade à Revolução Cubana, da qual participam também numerosas personalidades da vida política e social ribeirão-pretana.

Uma «Quinzena de solidariedade a Cuba» foi preparada, figurando entre as manifestações programadas, a realização de palestras que foram pronunciadas, nos dias 10, 13, 15, 16 e 17, por intelectuais e universitários. As palestras foram transmitidas pela «Rádio Cultura de Ribeirão Preto» e tiveram grande audiência. Os conferencistas abordaram em suas palestras os diversos aspectos da Revolução Cubana.

na, as grandes reformas realizadas na ilha pelo governo revolucionário. Telegramas e abaixo-assinados foram enviados ao presidente da República e aos deputados nacionalistas na Câmara Federal, todos de protesto contra as ameaças norteamericanas de intervenção em Cuba e de solidariedade à luta do povo cubano.

Os conferencistas

As palestras programadas foram pronunciadas pelo sr. Newton Mendes Garcia, presidente do Centro Nacionalista «Olyvo Bilou»; pelo sr. Milton Miana, universitário; pela sra. Maria Aparecida Baegge, pelo médico Cláudio de Souza Filho e pelo sr. Antônio José Moreira.

Fed. dos Professores está com Lumumba e com Álvaro

A Federação Interestadual dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino enviou ao presidente da República telegrama em que se solidariza com o «justo e decidido protesto do governo brasileiro contra o assassinio de Patrice Lumumba, herói e mártir da causa da independência de sua pátria e demais nações da África libertada.» O telegrama reitera a confiança da entidade em que o sr. presidente cuidará do fiel cumprimento da sua determinação à delegação brasileira à ONU, com referência ao caso de Lumumba.

A FITE enviou também ao escritor Álvaro Moreira telegrama em que protesta veementemente contra «odioso processo em que se pretende envolver ilustre escritor patriótico e demais mestres da ex-Universidade do Povo, procedimento inquisitorial esse que afronta o regime democrático vigente no país e só constitui motivo de dor para seus autores... A Federação expressa sua inflexível solidariedade ao escritor.

NR no Espírito Santo

Centenas de Famílias da Ilha de Santa Maria à Beira do Despejo

VITÓRIA (Da correspondente) — A Ilha de Santa Maria, na capital espiri...

Latifundiário em Montes Claros provoca desordens

MONTES CLAROS, fevereiro (da correspondente) — Arbitrariamente, violando todas as normas...

O fato, que provocou viva revolta entre os moradores de Montes Claros, assume maior gravidade...

Aprenda taquigrafia de graça

Acham-se abertas as matrículas para os cursos de taquigrafia por correspondência do Instituto Brasileiro de Taquigrafia...

O curso compõe-se de apenas 12 lições, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final...

LIBERDADE PARA OS TRABALHADORES DA VENEZUELA

Os portuários do Estado de Pernambuco, através do seu Sindicato, enviaram telegrama ao embaixador da Venezuela no Brasil...

A mensagem assinala que os referidos trabalhadores se encontram encarcerados desde novembro do ano passado...

Morre antigo militante

Faleceu no dia 11 de fevereiro próximo passado, em Belo Horizonte, o cel. Oscar Dumont...

A vida do companheiro falecido foi pontilhada de exemplos de luta e dedicação. Em 1938, esteve preso, no Rio de Janeiro...

Figura estimada e conhecida, principalmente em Corinto, onde sempre viveu, embora tivesse nascido em Rio Vermelho...

JÁ ESTÁ NAS LIVRARIAS HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE

A. V. MICHULIN Em 2ª edição, 1º volume da Coleção de História Universal...

Já editados: 2º volume — História da Idade Média de E. A. Kosminsky...

3º volume — História Moderna de N. Efimov — Cr\$ 250,00.

Lançamentos da Editorial Vitória Ltda. Pedidos pelo Reembolso para Caixa Postal nº 165/Rio de Janeiro/GB

Em Vitória, como outras partes do país, a carência de casas de aluguel acessível fazem surgir as pequenas colônias de casas...

Quem despeja em Santa Maria

O despejo que recaiu sobre os moradores da ilha de Santa Maria é decorrente de mandado judicial impetrado pelo sr. Nuno Santos Neves...

Os moradores foram pagos de surpresa pela ordem judicial que, se consumada, obrigará a que se refugiem nos laboratórios públicos...

Sofrem os moradores

A notícia do despejo significa um sério golpe nos vidas dos moradores da ilha, que perdem, assim, a fruta de seu trabalho e de suas economias...

Outro exemplo da situação dos moradores é dado por d. Cecília Kerbel, que declarou ao correspondente:

Nós não temos para onde ir com nossos cinco filhos. Vendemos um terreno e compramos este local de um antigo morador...

O trabalhador Jair Silva Brandão, pai de três filhos, um dos quais um menor inválido...

A ameaça de despejo, confessam não ter onde morar senão ali.

O ferroviário Valeriano Francisco Pereira, pai de dois filhos, pagou trezentos cruzeiros por cada cominhão de alô, tendo gasto assim todos os seus economios.

Um dos casos mais dolorosos é o da d. Madalena Rocha Dias, mãe de dez filhas menores, sendo a mais velha uma moçoila de 14 anos.

Mas lutam também

Os moradores têm procurado encontrar uma solução para o problema

Trabalhadores Agrícolas de Minas Chamam Para Convenção

BELO HORIZONTE (Da correspondente) — A Associação dos Trabalhadores Agrícolas de Minas Gerais convocou para os dias 29 e 30 de setembro do corrente ano a II Convenção Estadual dos Trabalhadores Agrícolas...

A Diretoria da TAMG declara em seu manifesto de convocação: «Nesta importante Convenção e no Congresso Nacional, os trabalhadores agrícolas de Minas...

E geral, hoje, o sentimento favorável à solução da grave problema agrário brasileiro. Os altos autoridades civis, militares e eclesiásticas...

E com esse elevado e patriótico propósito que se convoca a II Convenção Estadual e o Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil...

NR no Paraná

Os Ferroviários de Pôrto União da Vitória Venceram Uma Grande Batalha

Reportagem de HERMÓGENES LAZIER

Pôrto União da Vitória é um entroncamento ferroviário. É a sede do 3º Distrito da RVPSC. Mais de 500 ferroviários aqui labutam.

A 1ª Assembléa

Dia 16 de janeiro os ferroviários reuniram-se em Assembléia, na Sociedade Operária, para debater o problema em pauta: o pagamento da Paridade e da Classificação.

Início da greve

A zero hora do dia 26 de janeiro tudo foi paralizado na RVPSC. A adesão à greve foi total. Não houve nenhum caso de furo-greve.

Unidade, ordem e disciplina

Durante os nove dias que durou a greve nada de anormal ocorreu. Os ferroviários demonstraram sua capacidade de comandar...

que atravessem, buscando contactos com as autoridades responsáveis. Ovimos e sr. Milton Ximenes, líder operário local...

Estamos fazendo tudo, junto ao Poder Judiciário, a fim de impedir o despejo. Os moradores já se reuniram e estão dispostos a lutar pelos seus direitos.

através da melhoria efetiva das condições atuais de milhões de pessoas que trabalham na agricultura e constituem a imensa maioria da população do Brasil.

E necessário que os trabalhadores do campo, que também vêm contando com a solidariedade e a ajuda inestimável dos trabalhadores da cidade...

E com esse elevado e patriótico propósito que se convoca a II Convenção Estadual e o Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil...

NR em Minas Gerais

MARZAGANIA: 585 Grevistas 7 Meses de Greve 7 Itens de Vitória

Os trabalhadores da Companhia de Fiação e Tecidos Minas Gerais de Marzagânia, depois de sete meses de greve, obtiveram retumbante vitória...

O movimento contou para seu êxito com a firmeza dos tecelões, a solidariedade moral e material por parte dos sindicatos operários...

Trascrevemos abaixo o acordo assinado entre empregados e empregadores da Companhia de Fiação e Tecidos Minas Gerais:

1) Os trabalhadores dos diferentes serviços da Companhia de Fiação e Tecidos Minas Gerais retornarão ao trabalho na manhã de 27 de fevereiro de 1961.

2) A Companhia compromete-se a efetuar o pagamento dos salários desde setembro de 1960 até 1.º de março de 1961 e a não promover perseguições, dispensas ou represálias aos seus operários...

3) A Companhia compromete-se a colaborar com os órgãos do governo da União e do Estado para início imediato do cômputo dos casos de propriedade da empresa...

5) O sindicato assume o compromisso de estimular os empregados a que empreguem todo o seu esforço pela soerguimento e progresso da Companhia...

6) O governo do Estado dará imediata cobertura financeira em empréstimo provisorio, a fim de fazer face ao pagamento a que se refere a cláusula 2 e al empenhar-se junto ao governo da União...

7) Fica estabelecido o acordo amigável, nos termos dos itens anteriores, e, tanto operários, através do sindicato, como a Companhia...

O documento é assinado pelo governador Magalhães Pinto, o secretário do Trabalho, Edgar GoGdai da Mata Machado, o delegado do Trabalho, Onésimo Viana de Sousa...

Atos do acordo

Os 585 trabalhadores em greve chegaram a uma posição final através de assembléia geral das tecelões, a qual compareceram 500 grevistas. Ali, foram formuladas ao governador do Estado as seguintes reivindicações...

Centenário de Xavier Marques dá prêmio

Em comemoração ao centenário de nascimento do escritor baiano Xavier Marques, a Academia de Letras de Ilheus instituiu um concurso de âmbito nacional...

Dentre as normas do concurso, destacam-se as seguintes: fica estabelecido o prêmio de Cr\$ 50.000,00 para o autor do melhor livro elaborado no ano de 1961 sobre Xavier Marques...

An inscrições estão abertas até o dia 30 de novembro do ano em curso e maiores informações serão fornecidas pela Academia.

O comandante

Durante os nove dias que durou a greve o comandante de todas as horas foi o sr. Dirceu Saldanha Muniz. Liderou com sabedoria e com coragem o movimento grevista.

ACABA DE CHEGAR O MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO

(em castelhano) peça-o hoje mesmo pelo reembolso postal, antes que se esgotem. Redigido por um grupo de destacados publicistas soviéticos...

conseguiram os seus autores, oferecer-nos uma pequena enciclopédia dos fundamentos do marxismo-leninismo, encontram-se aqui, claramente sintetizados, os aspectos básicos da doutrina marxista...

brochura: 960,00 encadernado 1.360,00 Faça o seu pedido pelo reembolso postal à

LIVRARIA DAS BANDEIRAS Rua Riachuelo, 342 - loja 2 - fone: 36-4871 - São Paulo ATENDEMOS PRONTAMENTE.

JÁ ESTÁ NAS LIVRARIAS HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE A. V. MICHULIN Em 2ª edição, 1º volume da Coleção de História Universal...

Os Ferroviários de Pôrto União da Vitória Venceram Uma Grande Batalha Reportagem de HERMÓGENES LAZIER Pôrto União da Vitória é um entroncamento ferroviário...

ACABA DE CHEGAR O MANUAL DE MARXISMO-LENINISMO (em castelhano) peça-o hoje mesmo pelo reembolso postal, antes que se esgotem...

Blas Roca: Não há Fôrça Que Detenha a Revolução

ALMIR MATOS, enviado especial a Cuba
IV de uma série de cinco reportagens)

— «Os cubanos são hoje livres, no verdadeiro sentido da palavra, pois já não pesa sobre a nossa Pátria a dominação semicolonial do imperialismo norte-americano nem a opressão dos latifundiários» — diz ao repórter o secretário-geral do Partido Socialista Popular de Cuba, Blas Roca.

Blas Roca, dirigente revolucionário dos mais conhecidos e respeitados na América Latina, fala serenamente, em seu gabinete na ampla sede do Partido, interrompe várias vezes a entrevista para atender a companheiros que procuram sua opinião sobre os mais diversos problemas. Aproveita a vinda do jovem fotógrafo de «Hay» para saber como estavam as coisas nas trincheiras onde, nos vésperas, tinha estado a reportagem do diário do Partido. Bem humorado, como em geral os revolucionários cubanos, Blas Roca não disfarça a satisfação com que discorre sobre a histórica reviravolta que agita e redime a ilha heróica.

— «Libertamo-nos do imperialismo norte-americano, explica Blas Roca. Isso quer dizer que se abriu para o povo cubano a oportunidade de desenvolver economicamente o país, de acabar com a miséria, o desemprego, o analfabetismo e a insalubridade e, portanto, conquistar um bem-estar que irá aumentando na medida dos esforços empreendidos pelo próprio povo. A revolução permitiu ao nosso povo a oportunidade de libertar-se de toda exploração. Claro que ainda não o conseguiu totalmente, mas as bases para isso estão sólidamente lançadas: o processo está em desenvolvimento e chegará, sem nenhuma dúvida, ao seu objetivo».

Exemplo inquietante

Os vinte e cinco dias que passamos entre o povo cubano mostraram-nos, concretamente, muitos aspectos desse processo o que se refere Blas Roca: os cubanos estão construindo uma nova vida, próspera e independente. Para assegurar o seu triunfo têm, entretanto, que fazer face às ameaças que se voltam contra a revolução.

— «A ameaça principal que pesa sobre a Revolução Cubana — esclarece o principal dirigente dos comunistas cubanos — é a do imperialismo norte-americano, nosso inimigo mortal. Não só pelo que os imperialistas perderam — uma fonte de matérias-primas baratas, um mercado por eles monopolizado e um voto tranqüilo na OEA e na ONU — mas, sobretudo, porque a Revolução Cubana é um exemplo para toda a América Latina, um ensinamento de profundo alcance histórico. A Revolução Cubana está mostrando que é possível vencer o imperialismo americano em nosso Continente, que é possível manter uma política exterior independente e de paz, que é possível realizar uma reforma agrária radical e acabar com os privilégios rapazes dos monopólios estrangeiros. Está provado que qualquer país do Continente pode libertar-se da dominação imperialista. Por isso, precisamente, os imperialistas nos atacam com tanta fúria e procuram esmagar a nossa revolução».

Os monopólios ianques e o governo norte-americano, que os representam, são, assim, a principal força contra-revolucionária. Internamente, diz Blas Roca, a contra-revolução, privada do poder econômico e de posições políticas, não se atreveria sequer a manifestar-se, se não existisse o apoio externo do imperialismo americano. Sua desmoralização é total diante dos trabalhadores e do povo.

O dirigente comunista de Cuba acrescenta:

«Apesar dessa ameaça imperialista, estamos absolutamente convencidos de que nada poderá derrotar a Revolução Cubana: o que foi conquistado não se perderá e a revolução continuará avançando no sentido de novas conquistas. Essa confiança não resulta de uma fé religiosa, mas da apreciação serena das forças que estão com a revolução: internamente, a esmagadora maioria dos cubanos e, internacionalmente, as forças que se apóiam ao imperialismo e a novos de nossa América Latina».

Papel dos comunistas

Em nossa «grande imprensa» tem sido sistematicamente tergiversado o papel dos comunistas cubanos na revolução que, dirigida por Fidel Castro, libertou Cuba do imperialismo e do latifúndio. Versões as mais desencontradas são urdidas: ora os comunistas não participaram da luta, ora são os comunistas que «dominam» o país. Blas Roca comenta o assunto, sem perder o bom humor:

— «Veja como é contraditório o anticomunismo. Nos primeiros dias de 1959 a linha central da propaganda imperialista consistia em afirmar que os comunistas nada haviam feito pela revolução e, por isso, a revolução devia colocar-se contra os comunistas. O

aspecto americano Jules Dubois, que hoje vive espalhando calúnias pela América Latina, chegou a levar para a televisão alguns rapazes do Exército Rebelde para que eles dissessem que «não viram» os comunistas nas guerrilhas. Mas o tiro saiu pela culatra: sem ele imaginar, apareciam rebeldes que diziam ter visto comunistas e, mais, serem eles próprios comunistas. O provocador, é claro, desistiu».

Blas Roca lembra outra foto, este ligado à legendaria figura de Camilo Cienfuegos:

— «Quando se deu a traição de Hubert Matos, o nosso inesquecível Camilo, falando pela televisão em Camaguey, desferiu um golpe mortal no anticomunismo. Com a sua autoridade, de chefe do Exército Rebelde disse Camilo, depois de lembrar que o traidor Hubert Matos exigia que se perseguisse os comunistas: quando cheguei com o Exército em Las Villas fui recebido precisamente pelos guerrilheiros comunistas; o seu chefe, Felix Torres, apresentou-se e me declarou: estamos às suas ordens! Agora, querem que exclamemos esses homens, que lutaram honradamente ao nosso lado. Mas nós não podemos discriminar entre os que estão com a Revolução Cubana».

E sobre a participação dos comunistas, hoje, na revolução, eis que disse Blas Roca:

— «Nosso Partido participa na luta pela construção da nova Cuba, lado a lado com as demais forças revolucionárias. O líder e dirigente da revolução é Fidel Castro. Da mesma-modo que Felix Torres recebeu Camilo, entendemos que nós e todas as demais forças revolucionárias devemos marchar sob a direção de nosso líder Fidel Castro. Os comunistas estão em toda parte onde se torne necessário um esforço ou um sacrifício para assegurar a vitória».

Kennedy: os fatos mostrarão

— «Cessa um governo imperialista, e um novo governo imperialista sobe ao poder» — assim resumiu Blas Roca a sua opinião sobre os possíveis resultados da ascensão de Kennedy, em relação a Cuba. Disse mais:

— «É claro que há dentro do imperialismo diferentes grupos: no governo de Eisenhower predominou o mais agressivo, inimigo da coexistência pacífica e partidário da corrida armamentista. Há os que afirmam que o grupo em torno de Kennedy não tem essas mesmas características. Não podemos afirmá-lo nem negá-lo, por enquanto. Esperamos os fatos. Se há liberais no novo gabinete, nele se mantém um provocador e criminoso como Alan Dulles. Não se pode prever que tendência afinal predominará. O assessor presidencial Chester Bowles declarou publicamente que a política do governo americano quanto a Cuba deve ser reafirmada. Não esclareceu de que reafirmação se trata, mas é de esperar que se refira à renúncia à agressão, pois já está demonstrado que a política de agressão contra Cuba não dá os resultados desejados pelos imperialistas. Quanto a nós, expresso o desejo de que o governo de Kennedy se oriente pelo bom senso».

Posição de Jânio

Todos conhecem a posição assumida pelo sr. Jânio Quadros em sua visita a Cuba, no ano passado, e durante toda a sua campanha eleitoral. O atual presidente chegou a afirmar: «O Brasil não faltará a Fidel Castro». E não encontramos em Cuba uma só pessoa que não nos interpelesse: E Jânio, continua conosco? Perguntamos a Blas Roca o que esperava ele do atual governo brasileiro.

— «É impossível, por enquanto, fazer afirmações concretas. O sr. Jânio Quadros esteve em Cuba e fez declarações categóricas a favor da Revolução Cubana. Se continuar nessa posição e mantiver as opiniões expendidas na campanha eleitoral, isso será muito positivo para o Brasil, pois hoje o que define os patriotas, em nosso Continente, é a posição em que se colocam diante de Cuba: para um líder latino-americano, estar contra Cuba é estar contra a independência de seu país, contra a reforma agrária, contra as relações com todos os países, contra a liquidação do analfabetismo e da miséria. Fazemos votos para que o presidente Quadros continue a ser um amigo da Revolução Cubana».

Ajuda dos países socialistas

A imensa obra de construção pacífica que está sendo levada a efeito em Cuba só pôde se tornar possível graças à solidariedade e à ajuda dada ao Governo Revolucionário de Fidel Castro pelos países socialistas, especialmente a União Soviética e a China. Essa ajuda se manifesta em todos os

aspectos. E o povo cubano revela uma ilimitada gratidão à URSS e demais nações socialistas pelo que têm feito em favor de sua revolução. O principal dirigente do Partido Socialista Popular nos disse a respeito:

— «A vitória e consolidação da Revolução Cubana é um fenômeno que se explica pela atual correlação de forças no mundo. O imperialismo já não está só, nem faz o que quer. Em qualquer outra situação, o manobra de nos deixar sem petróleo teria sido uma catástrofe. Mas o fato de a URSS ter se decidido a nos mandar o seu petróleo — e que pudesse fazê-lo, apesar da enorme distância que nos separa geograficamente — permitiu que não nos faltasse o combustível. Não houve sequer necessidade de racionamento. Depois, os Estados Unidos suprimiram a quota de açúcar e proclamaram a «iminência de uma catástrofe em Cuba». E estavam certos disso, já que cerca de 85% de nossa exportação é representada pelo açúcar. Mas a URSS, a China Popular, a Tchecoslováquia, a Alemanha Oriental, todos os países socialistas enfim, compraram o nosso açúcar. Vendemos-lhes mais de 4 milhões de toneladas. E podemos anunciar que este ano será alcançada a maior safra de açúcar de toda a história de Cuba. Além disso, a advertência feita por Kruschiov de que uma intervenção militar direta dos Estados Unidos contra Cuba poderia levar a URSS a lançar mão de seus foguetes contêve e contém os que sonham com uma aventura armada contra a revolução».

A América solidária

Na cidade de Manzanillo, representantes das delegações latino-americanas às comemorações do segundo aniversário da revolução cavaram uma trincheira simbólica — a trincheira da amizade. Os cubanos têm na mais alta conta o apoio dos povos latino-americanos à revolução, e estes por sua vez consideram que a causa da revolução de Cuba é a causa de sua própria libertação. Sobre essa solidariedade disse-nos Blas Roca:

— «Tem sido muito ampla e valiosa a solidariedade latino-americana à nossa revolução. Em todos os países do continente desenvolvem-se grandes lutas da classe operária, de massas camponesas e de estudantes, de todos os patriotas e democratas, em favor da Revolução Cubana. Agora mesmo acabamos de receber um trator oferecido a Cuba pelos patriotas argentinos. Os índios do Panamá comprometeram-se a atacar os americanos em caso de agressão a Cuba. Os venezuelanos ameaçaram cortar o suprimento de petróleo. E em alguns países, como o Brasil, começaram a organizar-se voluntários para virem em nossa ajuda».



A terra pertence a quem a trabalha

da no caso de agressão. Somos gratos a essa solidariedade, que reveste cada vez mais formas concretas, não se limitando apenas a um apoio moral.

Milhares de títulos de propriedade foram e estão sendo entregues pelo Governo Revolucionário aos camponeses cubanos. Acabou-se o latifúndio, não existe mais a renda agrária e os antigos parcelos, arrendatários e posseiros são os donos da terra, os donos da Nova Cuba. Uma vida livre e feliz se abriu para o povo cubano graças à revolução.

Sabemos que essa ajuda jamais nos faltará, pois a nossa revolução — liquidando o jugo imperialista e a opressão do latifúndio — encarna os grandes anseios de todos os povos latino-americanos que lutam pela Independência nacional, o progresso e a democracia».

NOVOS RUMOS

ANO II

Rio de Janeiro, semana de 10 a 16 de março de 1961

Nº 105



Amigos sinceros: ajuda da URSS não tem limite

Não conseguindo esmagar a Revolução Cubana através da ofensiva diplomática ou da ação de sua quinta-coluna, os trustes ianques decretaram contra Cuba o bloqueio econômico. Suspenderam a quota de açúcar, deixaram de fornecer petróleo e suprimiram todas as exportações. Mas o bloqueio também fracassou. A União Soviética, a República Popular da China e todos os demais países socialistas manifestaram ao povo cubano a sua decidida solidariedade, suprindo o país de tudo quanto necessitava. Na foto, um carregamento de caminhões pesados sai da URSS com destino a Cuba.

Ministro da Fazenda é Homem de Palha da Pan American

O novo ministro da Fazenda, sr. Clemente Mariani, foi acusado pelos nacionalistas de ser um testa-de-ferro ou homem de palha da Pan American. Em lugar de contestar a afirmação, o ministro, logo depois de sua posse, deu uma entrevista aos jornais na qual passou recibo à acusação: disse que cortou suas ligações com aquela empresa alguns dias antes ao saber que seria chamado a fazer parte do governo do sr. Jânio Quadros. Mas todo mundo sabe muito bem o que são tais "atafamentos". Trata-se apenas de uma transmissão formal de ações de um a outro testa-de-ferro. Foi certamente o que fez o novo ministro da Fazenda, que era e continua sendo homem de confiança de um dos maiores trustes internacionais — a Pan American World Airways.

Mesmo admitindo que o sr. Mariani não tenha mais ligação com a Pan American estaria ele em mais lençóis, pois a verdade é que se prestou a manobras para fraudar a lei brasileira, participando, juntamente com outros 10 brasi-

leiros, de um ardid usado para a falsa nacionalização da Panair. E de acordo com um parecer do jurista Pontes de Miranda, de 14 de setembro de 1960, desde que a "empresa estrangeira simula alienar ações, para que não a atinja a lei de nacionalização de empresas, ou para que não se possa dizer que o controle efetivo está em mãos de estrangeiros e cidadãos brasileiros se prestam a isso, há o crime do artigo 311 do Código Penal". Este artigo diz ser crime de falsidade "prestar-se a figurar como proprietário ou possuidor de ação, título ou valor pertencente a estrangeiro, nos casos em que a este é vedado por lei a propriedade e a posse de tais bens".

Nada impede que ao ministro seja aplicado o art. 311 do Código Penal.

A Panair do Brasil, a Pan American e as subvenções

A Panair é hoje uma empresa estrangeira ligada à Pan American. Basta ver como estão dividi-

das suas ações e quem tem o controle efetivo da empresa (elemento adotado nos acordos internacionais de aviação civil firmados pelo Brasil para caracterizar a nacionalidade da empresa), para não se ter a menor dúvida sobre o ato. As ações estão assim distribuídas:

Ações da Pan American	30%
Ações de brasileiros ligados por contrato à Pan American	32,27%
Brasileiros livres	27,53%
Ausências	10,10%
	100%

Até há bem pouco tempo porém (junho de 1960), a Pan American possuía em seu próprio nome 48% das ações. Mas sempre temendo a nacionalização da empresa, principalmente depois da apresentação do projeto de Sérgio de Magalhães e ante a incansável luta travada pelo grupo de brasileiros livres acionistas da Panair, a Pan American resolveu transferir parte de suas ações para os tes-

tas-de-ferro nacionais que há cinco anos vêm dirigindo a companhia em seu nome. Para essa manobra foi constituída a sociedade civil "Planejamento e Administração Guanabara".

Com esse golpe, o poderoso truste pensa burlar a vigilância nacional, e, assim, continuar recebendo as polpidas subvenções e outras vantagens a que têm direito as companhias brasileiras de navegação aérea.

A marmelada da "Planejamento Guanabara"

Sabe-se que o grupo brasileiro possui cerca de 20% das ações da Panair. Ficticiamente, a Pan American detinha quarenta e oito por cento. Na realidade porém sempre teve mais pois há na empresa um número de acionistas que sempre votam com os trustes. Depois da última assembleia geral ordinária, em abril de 1960, a Pan American resolveu, a 3 de junho do mesmo ano, vender a "Planejamento e Administração Guanabara" 79.200 ações da Panair do Brasil. A "Planejamento" fora constituída pouco antes, no dia 27 de maio, como sociedade civil, que encerra uma série de cláusulas bastante originais, e discutíveis, do ponto de vista do que é geralmente aceito pela tradição do direito brasileiro para tal tipo de sociedade. Mas todas essas cláusulas têm como finalidade assegurar o controle da "empresa brasileira" Panair pela Pan American. Vejamos apenas algumas dessas cláusulas mais características. Como a maioria dos planos de planejamento Guanabara é "a participação, na qualidade de acionista na Panair do Brasil S. A.", um dos parágrafos da cláusula 8 diz: "A sociedade exercerá os seus direitos de acionista da "Panair do Brasil S. A.", sempre mediante representação pelo sócio gerente". E em outro parágrafo da mesma cláusula: "Fica vedado aos representantes da sociedade, a não ser por deliberação expressa, consignada em ata de reunião dos sócios, tomar parte nas votações e deliberações das Assembleias Gerais Ordinárias ou Extraordinárias da "Panair do Brasil S. A.", etc. E, para completar tudo isso, no contrato de transferência das ações da Pan American para a Planejamento Guanabara, exige-

Crise do Gusa Mineiro: Paralisados 50 "Forninhos"

Em menos de três anos instalaram-se no oeste de Minas Gerais 67 pequenos fornos produtores de gusa, passando o número deles de 18, em dezembro de 1957, a 85 no segundo semestre do ano passado. A capacidade de produção de gusa da região subiu de cerca de 165 mil toneladas anuais em 1957 para 800 mil ton. em 1960. Isso significa um incremento de 385%, ou seja, uma taxa de quase 100% ao ano. Diante dessa extraordinária multiplicação de pequenos fornos, com uma capacidade média de produção que não chega a 30 toneladas diárias, houve quem falasse num desenvolvimento da siderurgia brasileira "à moda chinesa", à base de "forninhos" rudimentares, mas com uma alta taxa de expansão.

"Forninhos" apagaram

Contudo, tão depressa como se instalaram, esse "forninhos" foram obrigados a despedir seus operários e paralisar suas atividades. O repórter, visitando a região do gusa (municípios em torno de Belo Horizonte), pôde ver vários desses fornos paralisados.

Alguns deles não chegaram sequer a entrar em funcionamento, pois a montagem de um forno pode levar um ano ou mais e, assim, o término da construção de alguns coincidiu com o início da crise do gusa mineiro. Hoje mais de 50% dos "forninhos" de gusa do oeste mineiro estão paralisados, em média há mais de 6 meses. A crise perdura, porque as usinas não conseguem vender sua produção.

Superprodução

A multiplicação dos "forninhos" explica-se pelo grande aumento da procura de gusa em fins de 1956 e em 1957, atribuída ao início das atividades do GEIA e à expansão da indústria automobilística. Os "forninhos" instalaram-se para produzir apenas para a venda, para o mercado (distinguindo-se, pois, dois fornos de gusa integrados nas grandes siderúrgicas, que são apenas uma fase da produção de aço).

Com o aumento da procura e consequente aumento de preços, expandiu-se a produção de gusa muito além da capacidade de absorção do mercado. Agora há no oeste de Minas uma capacidade para produzir 67.000 toneladas mensais, mas as usinas em conjunto só encontram mercado para menos de 1/3 dessa produção. Eis a explicação da crise de superprodução do gusa, que levou o preço do produto a cair abaixo do custo de produção nas pequenas usinas mineiras e ao fechamento da maior parte dos "forninhos".

Exportação

Tentou-se resolver a crise com a exportação, mas a solução não funcionou: primeiro porque a multiplicidade dos "forninhos", cada um produzindo uma pequena quantidade de gusa de composição diferente, dificulta a colocação; além disso, a taxa do câmbio livre (que vigora também para a exportação de gusa) e a queda dos preços internacionais do produto

fazem com que a exportação não compense o custo de produção.

Por outro lado, o governo até hoje não deu qualquer resposta a uma proposta de um grupo polonês no sentido de instalar em Minas uma siderúrgica de pequeno porte, para consumir o gusa excedente, e cujo equipamento seria fornecido em troca do próprio gusa excedente.

Desperdício

Por isso, os "forninhos" continuam paralisando, alguns produtores já pensam em vender suas usinas no ferro-velho e transferir seus capitais para outro setor. Desperdiçam-se, dessa forma, capitais aplicados no setor no valor de aproximadamente 1 bilhão de cruzeiros. Num país em que tanto se fala em escassez de capitais, perde-se o correspondente a 1/4 do capital com que a Petrobrás iniciou suas atividades!

Além disso, é preciso considerar também que as pequenas usinas de gusa do oeste mineiro tinham, antes do auge da crise, aproximadamente 18.000 assalariados, o que representa uma população de cerca de 100.000 operários e suas famílias diretamente dependentes da produção de gusa. Acrescentando a este total o número de pessoas empregadas nas atividades subsidiárias à indústria de gusa, como o transporte de minérios, a mineração e particularmente a produção de carvão, teremos uma população de cerca de 200.000 pessoas direta e indiretamente dependentes desse ramo de atividade, as quais, em virtude do baixo nível de emprego da região, não encontram trabalho após o fechamento dos "forninhos".

Coordenação

Os produtores de gusa fizeram no ano passado uma intensa campanha em defesa de seus interesses, através de uma Associação dos Produtores de Gusa de Minas Gerais (GUSAMIG), fundada após o início da crise. Esses pequenos empresários ainda não obtiveram, entretanto, qualquer resultado concreto. Por enquanto ainda é possível fazer com que as pequenas usinas voltem a produzir, desde que se encontre aplicação para seu gusa, quer numa pequena siderúrgica, quer na produção de certas manufaturas, como anéis, martelos, arados, ou ainda, na ferrugina. Mas se a solução demorar muito, será inútil, porque encontrará os fornos desmontados e vendidos no ferro-velho.

De qualquer modo, a crise do gusa mineiro está a mostrar a necessidade de ser criado um organismo central coordenador da política siderúrgica brasileira. Segundo o senador petebista Camilo Nogueira da Gama, que expôs esta ideia ao abordar a crise do gusa no Senado, este organismo central controlaria e disciplinaria inclusive os investimentos, financiamentos, a produção, a distribuição e os preços, em todo o setor da produção siderúrgica, nos seus diversos estágios.

Nota Econômica

No quadro da política econômico-financeira a ser posta em prática pelo atual governo, e da qual são conhecidas apenas algumas indicações bastante imprecisas, situa-se em primeiro plano o problema do café. Do governo anterior, herdado o atual não somente um formidável estoque estimado grosso modo em 40 milhões de sacas, que custaram aos cofres públicos entre 80 e 100 bilhões de cruzeiros e para cuja conservação requerem-se novos bilhões de cruzeiros cada ano. Mas, herdou também uma política de fomento desenfreado da produção cafeeira, realizada mediante a compra maciça das safras. Seria injusta isentar-se o atual presidente da República, sr. Jânio Quadros, de responsabilidade na adoção daquela política, atribuindo-a toda à administração que findou. Como governador do Estado que detém o controle da cafeicultura nacional há mais de meio século, o sr. Jânio Quadros — tal qual o seu sucessor, sr. Carvalho Pinheiro — foi um ativo porta-voz dos interesses dos homens da lavoura do café e não se deve esquecer que foi entre os auxiliares do sr. Quadros que JK foi buscar, em meio de seu governo, o homem a quem confiou o leme da política do café — o sr. Renato Costa Lima.

Durante a sua campanha eleitoral, visando a atrair o apoio dos cafeicultores de S. Paulo e do Paraná, o que conseguiu, prometeu o sr. Jânio Quadros abolir o chamado confisco cambial, reivindicação que ensaiara, antes, a "marcha da produção", por trás da qual também estava o então governador e atual presidente.

Essa a história recente. Empassado no governo da República, nomeia o sr. Jânio Quadros para o IBC um homem de fora e não da lavoura — o diplomata Sérgio Frazão, que se destacou nos últimos anos por sua atuação no sentido de obter a estabilização do preço-ouro do café, mediante a conclusão do Acordo Internacional em vigor. Até aqui não se sabe claramente que diretrizes serão adotadas pelo IBC, mas existem indícios de que, sobretudo entre os latifundiários paulistas, a escolha não foi considerada das mais felizes, e o Estado de S. Paulo chegou mesmo a manifestar de pública insatisfação dos círculos da cafeicultura paulista: "... nas circunstâncias atuais, não havia motivo plausível para nomear, para este importante cargo, uma personalidade que não fosse lavrador. Quebrar a praxe de indicar, para a presidência da autarquia, um lavrador, só se justificaria se não houvesse um em condições morais e técnicas de exercer essas funções". E natural que outros círculos econômicos vejam o problema de maneira diferente. Assim, sobre a mesma questão, expõe o "Correio da Manhã" seu ponto-de-vista, afirmando a nomeação do ministro Sérgio Frazão, sob a alegação de que o problema do café, hoje, é menos de produção do que de comercialização. E se reporta ao passado para fundamentar sua opinião: "Desde os dias do convênio de Taubaté, em 1906, a direção dos negócios cafeeiros encontra-se nas mãos da lavoura paulista. Os resultados são o melhor exemplo disso: enquanto, nessa direção a um homem que não é da lavoura nem de S. Paulo".

Ninguém pôs em dúvida a competência da atuação do problema cafeeiro. Deveria, entretanto, essencialmente, do ponto de vista econômico, nos dias que correm, se, de um lado, já perdeu sua posição de

Promessas Eleitorais e Política do Café

principal atividade econômica do país (hoje em dia, pelo menos um ramo industrial, o automobilístico, apresenta um volume de vendas maior que o do café e outros andam perto ou já o superaram), de outro lado, porém, continua sendo o café o principal fornecedor de divisas ao Brasil. Como não existe, nem pode existir, uma separação estanque entre os setores interno e externo da economia, que ambos se condicionam mutuamente, qualquer medida adotada num dos planos repercute no outro.

E certo que não pode continuar indefinidamente a política de aquisição pelo governo de toda a safra do café. Essa política, verdadeira adubação dos cafeeiros com cruzeiros, responde pelas dezenas de milhões de sacas empilhadas nos armazéns do IBC. De outro lado, um total alheamento do governo em relação ao problema conduziria certamente à baixa dos preços-ouro, com a consequente diminuição da receita cambial do país.

Em declarações prestadas nos Estados Unidos, de que deram notícia os jornais do fim da semana passada, teria dito o ministro Frazão que "um plano semelhante ao adotado na Colômbia, segundo o qual os produtores se responsabilizariam pelos excedentes, seria uma cadeia de medidas que existem". De um modo geral, não se conhece a disposição do governo em relação à próxima safra do café. Nem mesmo se sabe se o sr. Jânio Quadros, atendendo aos interesses do país, deixaria de cumprir sua promessa eleitoral de eliminar o chamado confisco cambial, isto é, abolir o dólar-café. A inconveniência de uma tal medida é apontada por todos os setores não vinculados à lavoura cafeeira. Ainda há dias, num Seminário realizado em Santos, exportadores e conhecidos estudiosos do problema do café chegaram à conclusão de que não é aconselhável a liberação do câmbio do café, pois a expansão das lavouras é a melhor prova de que a atual taxa de câmbio é compensadora.

Acrecece que, apesar de menor que a safra de 1959-1960, a atual, que terminará a 30 de julho, não será toda vendida. Efetivamente, nos primeiros seis meses — de julho a dezembro do ano passado — as exportações não chegaram a 9 milhões de sacas, em contraste com as do mesmo período de 1959, quando andaram em torno dos 10 milhões e meio. Quer isto dizer que o volume das exportações brasileiras de café sofreu nova redução em 1961, como já sofreu em 1960, relativamente a 1959. Tudo indica, assim, a falta de capacidade de exportar, da safra em curso, a quantidade que lhe cabe, sob o atual tipo de câmbio, o que poderá criar dificuldades ao novo país na renovação do comércio.

Haçavia, pois, excedentes da safra de 1960-1961. E a safra de 1961-1962, que começará a 1.º de julho? Esta, ao que se prevê, será novamente enorme, como a de 1959-1960. Já quem fala em 40 milhões de sacas, das quais metade ou mais de dois milhões encontrarão mercado. E as demais? Continuará o sr. Jânio Quadros comandando-as para dentro do país?

Haçavia, pois, excedentes da safra de 1960-1961. E a safra de 1961-1962, que começará a 1.º de julho? Esta, ao que se prevê, será novamente enorme, como a de 1959-1960. Já quem fala em 40 milhões de sacas, das quais metade ou mais de dois milhões encontrarão mercado. E as demais? Continuará o sr. Jânio Quadros comandando-as para dentro do país?

Diccionario

Economia Natural e Economia Mercantil

A passagem gradual da renda-trabalho para a renda-produto e, o produto para a renda-dinheiro foi acompanhada pelo processo de transformação da economia brasileira em economia mercantil. Denomina-se economia mercantil aquela em que os produtores, habitualmente, se absteem de que os produtos produzidos sejam consumidos por eles mesmos, recorrendo a troca com outros economistas. Cada indivíduo produz para se servir, mas os produtos necessários à sua subsistência são adquiridos em troca de outros produtos produzidos por outros indivíduos, através de uma existência econômica mercantil. Enquanto a troca que o produtor produz e os produtos necessários à sua subsistência são produzidos no próprio campo doméstico, agrícola, artesanal, manufatureiro de trabalho, material para a construção de casas, petrechos para a casa, etc. Tudo era produzido pelos camponeses servos.

Também a economia dos camponeses escravistas era natural. Ocupavam-se da agricultura e também da criação de gado, capangas, instrumentos agrícolas, etc. Assim, a agricultura combinava-se com a indústria caseira.

Haçavia, entretanto, certos objetos de consumo que nem sempre podiam ser produzidos no local, como os artigos de ferro, o sal e outros, que eram fornecidos nos primeiros tempos pelos comerciantes ambulantes. Mas, à medida que as cidades cresciam e, com elas, a produção dos artesãos, a divisão do trabalho e a troca entre a cidade e o campo aumentaram consideravelmente.

Já o regime escravista conheceu grandes cidades. Entretanto, com o advento do feudalismo, entraram em um prolongado período de decadência e só foram ressurgir muitos séculos depois. A princípio, os artesãos produziam artigos para vender, mas uma grande parte daquilo de que precisavam provinha de suas próprias economias. Pouco a pouco a produção dos artesãos ia ultrapasando as necessidades do senhor feudal e dos camponeses de uma só aldeia. Os artesãos começaram a estabelecer-se em torno dos castelos. Junto aos mosteiros, nas grandes aldeias, etc. Assim, naturalmente no longo das vias principais, foram crescendo as cidades.

Com a divisão do trabalho e a especialização, os artigos produzidos pelos artesãos das cidades foram aumentando sua melhor qualidade e passaram a ser preferidos pelos senhores feudais. Aquela parte do artesanato mais desenvolvida já não possuía vínculos diretos com a agricultura.

Surgiram nas terras dos senhores feudais e do clero, as cidades achavam-se também sob sua dependência. Os habitantes pagavam-lhes tributos em produtos ou em dinheiro e estavam submetidos à sua administração e à sua justiça. Desde logo, porém, começou a luta pela emancipação das cidades. E ora pela força, ora pelo resgate em dinheiro, as cidades foram conquistando o direito à autodeterminação, aos tribunais, à criação de moedas e à arrecadação de impostos.

Os habitantes acompanhavam principalmente de artesãos e comerciantes, mas também aí se encontravam — e em número cada vez maior, à medida que o feudalismo se aproximava do fim — camponeses dependentes que fugiram dos seus senhores e buscavam asilo.

A cidade caracterizava-se como um centro da produção mercantil, diferentemente do campo, onde imperava a economia natural.

NOVIDADES — livros de marcante atualidade
 Você pode adquirir na
LIVRARIA DAS BANDEIRAS

A. V. Michulin — HISTÓRIA DA ANTIGUIDADE (reedição).....	230,00
E. A. Kosminsky — HISTÓRIA DA IDADE MÉDIA.....	250,00
N. Elimov — HISTÓRIA MODERNA.....	250,00

(Livros de estudos de História sob as luzes de um método mais moderno de pesquisa — o materialismo histórico.)

Rui Paço — BRASIL SÉCULO XX..... 350,00

Osny Duarte Pereira — ESTUDOS NACIONALISTAS — 2 volumes (enriquecidos com dezenas de fotografias, mapas e gráficos)..... 320,00

(O leitor encontrará estudos condensados e o que cada brasileiro deve saber sobre os mais importantes problemas nacionais, num retrospecto da vida política, econômica e social do Brasil, de 1953 a 1960.)

(do mesmo autor) — História de Lourival Fontes NOS E A CHINA — 2 volumes..... 360,00

nova edição, atualizada e ampliada, com suplemento sobre "Comunismo Populares" — A Nova etapa da Revolução Chinesa e Estatuto Provisorio da Comunidade Popular "Sputnik"

"Por que não estudar os problemas do Oriente semelhantes aos nossos?"..... 250,00

Paul M. Sweezy-Leo Huberman

25 JULIO — CUBA ANATOMIA DE UMA REVOLUÇÃO (2.ª edição)
 "...é uma análise objetiva da revolução cubana, desde as condições históricas, econômicas e sociais que a determinaram, até os últimos acontecimentos a ela ligados..."..... 250,00

FAÇAM SEUS PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL A
LIVRARIA DAS BANDEIRAS
 Rua Riachuelo, 342 — Loja 2 — Fone: 36-4871
A TENDAMOS PRONTAMENTE

A política

de «austeridade» e os estudantes

Na última campanha eleitoral à presidência da República os estudantes de todo o país não vacilaram como re- gão alinharam-se ao lado das forças nacionalistas e democráticas que se uniram em torno da candidatura Lott.

Foi esta uma posição consistente com todo o passado político e democrático dos estudantes que sempre se colocaram ao lado das grandes causas emancipadoras e democráticas de nosso país.

Derrotado o candidato das forças nacionalistas, subiu ao poder o sr. João O. Abreu, cujas medidas iniciais de governo já começaram a justificar plenamente a posição que os estudantes do Brasil adotaram quando da apresentação de sua candidatura, negando-lhe o seu apoio e o seu voto.

Procurando resolver as inensas dificuldades que atualmente o país atravessa, o novo presidente pinta em tintas negras o quadro já por si escuro da nossa situação econômico-financeira. Com tal atitude procura criar um clima psicológico capaz de ajudá-lo mais suavemente a arrotar para o benefício as grandes massas trabalhadoras e populares. Porém não para aí. Passa à aplicação da sua política específica de austeridade e resistência e o seu choque violento e aberto contra os trabalhadores, os estudantes, os preguiçosos e os humildes, contra aqueles que vivem de um misterioso ou estudam em precárias condições.

O estudante brasileiro, importante parcela do nosso povo, já se encontra sob os efeitos nocivos desta política de austeridade repressiva e exploradora.

Contrariando a afirmativa do ministro da Educação em sua primeira entrevista com os estudantes que durante o seu governo «eles receberiam rigorosamente as melhores condições que têm direito», o sr. Abreu rapidamente à política de embebejar o mais possível a realidade das questões organizatórias das entidades estudantis como ora ocorre com a UME que já está enfrentando sérias dificuldades na manutenção da Policlínica e do Restaurante Central dos Estudantes. Os pretextos para esse embaraço são os mais pueris como o de que antigos diretores da UME não prestaram contas ao governo. Nota-se que se trata de um governo já passado. A idéia é clara: — que se fechem os restaurantes estudantis tirando à fome milhares de estudantes pobres em todo o país; que caia a zero a assistência já bastante precária dada pelos órgãos oficiais do governo aos ambulatórios e policlínicas que atendem os estudantes enfermos; que os estudantes brasileiros apertem patrioticamente o cinto para a vida e engorçam à sombra das grandes lucras as empresas iníquas, os grandes fazendeiros e grandes banqueiros, e peça que o imperialismo possa com mais calma sugar o sangue e o suor do nosso povo.

Os plenos dos estudantes brasileiros, por sua vez, ao lado de pontos de vista que manifestaram na última Assembleia da UNE realizada em Manaus, indica que os estudantes continuam firmes em sua unidade, fator necessário para que possam levar à frente seu programa de luta e de combate. Porém não é tudo. As últimas medidas de João, em relação a corte de despesas à custa das verbas das anuidades de classe, atestam que, além da unidade, é preciso que o movimento estudantil brasileiro revist-se de militância e combatividade. Mais do que nunca é necessária vigilância ativa, permanente dos estudantes de Norte a Sul do país contra qualquer atentado jacobino no sentido de liquidar direitos historicamente adquiridos e consagrados.

A UNE estará

presente no campo de trabalho da COSEC

A diretoria da UNE atendida a um convite feito pela COSEC — organização internacional dos estudantes com sede na Holanda — participará de um campo de trabalho a ser realizado por esta entidade mundial em Santiago do Chile, de 15 de março a 15 de abril.

Representarão os estudantes brasileiros, naquela iniciativa, em nome da UNE, o jovem Adalberto Câmara, presidente da UEE de Alagoas, e o presidente da UEE do Rio Grande do Norte.

Recorda-se que iniciativa semelhante foi recentemente promovida em Cuba pela Federação Mundial da Juventude Democrática em colaboração com a Associação, dos Jovens Rebeldes. Nessa ocasião, 160 jovens de 37 países do mundo, entre os quais mais de 100 eram da Cuba, da Ásia, África e América Latina, ajudaram a constituir a cidade escolar «Camilo Cienfuegos».

ASSEMBLEIA DA AMES:

Contra o Aumento Das Taxas e Anuidades em Defesa da Escola Pública

Realizada pela AMES, realizou-se no dia 2 da corrente na sua sede social, às 20 horas, uma assembleia secundarista para discutir os aumentos extorsivos das taxas e anuidades escolares. Denunciando os projetos sobre a realização de uma campanha nacional contra os aumentos que neste sentido vem se verificando nos diferentes colégios particulares da Guanabara e de outras importantes cidades do país.

Convocados pelo estudante Paulo A. Jesus, presidente em exercício da AMES, fizeram parte da reunião O secretário-geral desta entidade, Arnaldo Gomes, o secretário de Educação, estudante Diniz Cabral, o vice-presidente da AMES, Manuel de Jesus, Prof. Serafim Pálio, do Escolasão Pedro II, Francisco Medeiros, presidente do grêmio da Escola Lúcio Mendes, deputado estadual Paulo Alberto Monteiro de Sá, e mais os representantes do Colégio Estadual do Paraíba, da União Acadêmica de estudantes de S. Paulo, do Centro Acadêmico da Faculdade de Engenharia de Fátima, da Faculdade de Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica e o presidente da União dos Estudantes Portugueses do Brasil.

UBES: Se preciso iremos à greve geral

Se for preciso iremos à greve geral para sustar o aumento ilegal das anuidades, afirmou Diniz Cabral secretário-geral da UBES. E prosseguiu: «Mais uma vez a UBES levantou-se em luta contra a alta geral das anuidades escolares e em defesa da escola pública, ao lançar recentemente um manifesto nesse sentido. Com isso manifestamos nosso esforço no sentido de travar uma luta sem tréguas contra os mercadores de ensino». A seguir analisa a precariedade das verbas aprovadas para o ensino secundário, o que determina a «existência de um número ínfimo de unidades escolares secundaristas espalhadas pela imensidão de um Brasil, analfabeto». E concluiu calorosamente aplaudido pelos presentes. «O sr. Brigido Tinoco manifestou-se contra o aumento das anuidades escolares. Isto não basta. É preciso que os estudantes do Brasil se mobilizem e unidos conquistem o congelamento das taxas e anuidades escolares».

UNE: Reforma universitária

A UNE apoiará a luta dos estudantes secundaristas e simultaneamente

REUNIU-SE O CONSELHO DA UME

6 500 Estudantes Ameaçados de Fome Pelo M. da Educação

Reforma Universitária e Assistência Social foram os principais temas tratados na última reunião do Conselho da UME realizada dia 2 do corrente em sua sede social. A reunião foi presidida pelo estudante Carlos Heitor, presidente em exercício da UME e secretariado por José Dando Neto, secretário-geral.

Reforma universitária

Após a leitura da ata foram feitas discussões e comunicações. Entre essas destacou-se a decisão da UME de realizar na próxima quinzena de abril no Rio de Janeiro um seminário de Reforma Universitária. Combate à cota de vagas, reforma de currículos, maior participação dos alunos nos órgãos da Universidade, serão os principais assuntos a serem ventilados durante a ampla mobilização das estudantes carioca. Para discutir e conciliar essa importante questão foi criada uma comissão que terá como objetivo desenvolver o estudante Paulo Neto, da Faculdade Nacional de Filosofia.

Verbas e Serviço Social

Verbas e serviço social foi o principal ponto da ordem do dia discutido. Em longa exposição o estudante Carlos Heitor expôs a grave situação econômica vivida pelas famílias do Colégio e aqueles que vivem de assistência médica da Policlínica em face

levantada a bandeira da Reforma Universitária que tem como essência a defesa da escola pública. Estes foram os pontos iniciais de Herman Bueti vice-presidente da UNE. Em rápidas palavras expôs a difícil situação de milhares de crianças sem escolas «que vivem como animais e como animais morrem na mais completa ignorância em todas as Estados da Federação, principalmente no interior do país. Terminou suas palavras dizendo que a UNE, UBES, AMES, UME sem terem quaisquer pressões políticas venham de onde vier se entrelaçaram cada vez mais decididamente nessa luta heróica e necessária».

Homenagem a Roberto Silveira

De pé os presentes fizeram um minuto de silêncio em homenagem ao governador Roberto Silveira, ex-líder estudantil, recentemente falecido. A homenagem foi solicitada a mesa através de um requerimento do pitoniano.

Padre mercador do ensino

Com a palavra a representante da Faculdade de Engenharia Industrial da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo informou aos presentes que os estudantes de sua escola, em face do terrível golpe que sofreram em seu bolso no início deste ano com o aumento de 100% das anuidades, decretaram o greve geral por tempo indeterminado. Estão, por essa razão, solidários com a campanha iniciada pelos secundaristas em todo o território nacional.

A greve da Faculdade de Engenharia Industrial levantou duas palavras-de-ordem: 1a. — retirada do padre José Gomes do cargo de diretor da Faculdade. 2a. — Pela não majoração de qualquer espécie de taxas e anuidades escolares.

Referindo-se ao padre José Gomes que substituiu no cargo o padre Sabóia de Medeiros, já falecido, apresentou como um explorador sem escrúpulos e sem moral que faz do ensino um mero comércio.

O orador foi vivamente aplaudido pelos presentes. Outros oradores se seguiram na tribuna todos eles unânimes num ponto: a necessidade de se unir e mobilizar em todo o país o estudante secundário a fim de fazer de cada um deles um soldado na batalha contra o aumento das taxas e anuidades escolares e em defesa da Escola Pública.



A luta constante

UBES Contra a Alta Das Anuidades Escolares

Na sede da UBES reuniram-se a semana passada diversas organizações estudantis de caráter regional entre as quais se encontravam: Centro de Estudantes da Paraíba, Pernambuco e Ceará,

Todos os anos a cena se repete. O salão da UNE abre suas portas para receber os secundaristas do Rio de Janeiro, que, liderados pela Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas, reúnem-se para discutir as medidas necessárias na luta contra o aumento das anuidades escolares. Agora, mais do que nunca, a defesa da Escola Pública é um dos itens mais importantes.

rá, a fim de tratar da organização da campanha contra o alto preço das anuidades escolares que vem sendo cobrado pelos diferentes colégios da Guanabara.

Sobre o assunto foi feita uma longa exposição pelo secretário-geral da entidade. Após os debates travados os presentes aprovaram um Manifesto aos Estudantes e ao Povo do Brasil, a ser lançado pela UBES onde é feita uma análise da questão. Diz o documento: «1961 repete os anos anteriores, quando se aborda o problema das anuidades escolares. A exploração de colégios particulares campeia, fazendo-se necessária uma posição do governo para reprimir esses abusivos aumentos. No Estado da Guanabara, o senhor Fleury Ribeiro, conhecido proprietário de colégio, é Secretário da Educação no governo privatista e ilusionista de Carlos Lacerda. Neste governo, tão confucionista quanto retrógrado, o Ensino Público é sustentado com verbas majoritárias em contraposição à escola privada, que obtém as maiores atenções. O orçamento de 1960, na Guanabara, para os estabelecimentos particulares (internamente e matrícula de excedentes) conferiu a vultosa quantia de

R\$ 440.000.000,00. A Escola Pública recebe a verba de R\$ 30.000.000,00, num flagrante atentado aos interesses do povo. Mais adiante prossegue o documento, que já foi enviada a todas as Unidades Secundaristas do Brasil: «Pelo mapa estatístico da educação no Brasil verifica-se que, neste país de milhões de analfabetos, a taxa percentual para estabelecimentos de ensino particular é de 72%, enquanto que as escolas oficiais ficam reduzidas a ordem de 27,9%, contrariando assim, dispositivos constitucionais. No ano de 1960 surgiram 288 estabelecimentos de ensino secundário. Não há equilíbrio entre as regiões. Ao Leste coube 51%; ao Nordeste 22,99%; ao Norte 9,4%; ao Centro Oeste 57%; e ao Sul 20%. Em outro trecho do manifesto, a UBES mostra a distribuição da rede escolar no país que obedece a seguinte escala: Leste Meridional 32% —

Minas Gerais (437), Esp. Santa (58), Rio de Janeiro (172), Guanabara... (217); o Sul 47,3% — S. Paulo (686), Panamá (148), Santa Catarina (54) e Rio Grande do Sul (260); Centro Oeste 3,8% — Mato Grosso (29) e Goiás (73); Nordeste-Oriental 12% — Ceará (100), Rio Grande do Norte (20), Paraíba (36), Pernambuco (136) Alagoas (38) e Fernando de Noronha (0); o Nordeste Ocidental (2) Maranhão (23), Piauí (32); o Leste Setentrional 5,4% — Sergipe (23) e Bahia (124) o finalmente o Norte 1,8% — Rondônia (3), Acre (3), Amazonas (12), Rio Branco (11), Pará (23) e Amapá (2).

Comissão nomeada

A UBES nomeou uma comissão composta dos seguintes estudantes para planejar e desenvolver a campanha contra as anuidades escolares atualmente cobradas: Raimundo Gama, Glaucio Rocha, Odacir Soares, Tomaz Meireles.

Por fim a UBES conclama a juventude estudantil secundarista a se erguer na luta contra o atraso cultural e contra a política educacional deficiente e acizantante do governo.

Autorizada a reforma da Casa do Estudante Secundarista

O diretor da Divisão de Obras telefonou a UBES convidando o presidente dessa entidade a comparecer ao seu gabinete, a fim de, junto com um engenheiro daquele departamento efetuar o levantamento das reformas que se fazem necessárias na Casa do Estudante Secundário que funciona na rua Senador Pompeu. A medida foi recomendada pelo Ministério da Educação após uma entrevista do diretor da UBES com o sr. Brigido Tinoco em que a questão foi ventilada.

Há vários meses que cerca de 18 estudantes secundaristas sem recursos resolveram ocupar aquela velha prédio da Prefeitura então desocupado, e ali se encontram até hoje, vivendo nas mais precárias condições de higiene e dormindo cerca de 5 em cada quarto.

PARA NOVAS VITÓRIAS DO MOVIMENTO COMUNISTA MUNDIAL

N. KRUSCHIOV



Prestígio do socialismo

Em seu discurso, Nikita Kruschiov faz referência ao crescimento do prestígio da União Soviética e demais países socialistas entre os povos de todo o mundo em virtude da acertada aplicação de uma política anticolonialista.

guerra lutarem decididamente contra a ameaça de guerra conseguida mediante os provocadores de conflitos bélicos e impedir uma nova catástrofe universal. É necessário cada dia atrair a luta pela paz novas camadas da população, vencendo a passividade que, lamentavelmente, se observa entre alguns setores sociais dos países burgueses. "A luta contra o perigo de uma nova guerra mundial — sublinha a Declaração — deve desenvolver-se sem esperar que comecem a cair as bombas atômicas e de hidrogênio.

Uma das principais causas da força moral do comunismo, de sua enorme influência sobre as massas, consiste em que é o porta-bandeira da luta pela paz. Precisamente a bandeira da paz nos dá a possibilidade de arregimentar em torno de nós as mais amplas massas populares. Se continuarmos empunhando a bandeira da paz, conseguiremos êxitos ainda maiores.

Os comunistas consideram seu dever sagrado aproveitar plenamente todas as possibilidades que a época atual oferece aos povos para pôr um freio às forças belicistas do imperialismo, para conjurar uma nova guerra.

A liquidação do colonialismo

Krushchiov passa em seguida a tratar dos povos que têm conquistado sua independência nacional, e que constituem hoje uma nova e poderosa força na luta pela paz e o progresso social. "A Conferência — disse — assinalou com toda a razão que o desenvolvimento do sistema de escravidão colonial, ao embate do movimento de libertação nacional, é, por sua importância histórica, o fenômeno mais transcendente depois da formação do sistema mundial do socialismo. É acrescentado, depois de citar o despertar dos povos africanos, assim como do Oriente Próximo e Médio, e do exemplo magnífico de Cuba na América Latina:

"Os políticos burgueses e os revisionistas dizem que o movimento de libertação nacional se desenvolve independentemente da luta da classe operária pelo socialismo, independentemente do apoio dos Estados socialistas, dizem que os colonialistas oferecem liberdade aos povos das antigas colônias. Semelhantes mentiras se propagam para afastar dos países do campo socialista os jovens Estados independentes, para demonstrar que devem desempenhar na arena internacional o papel de uma pretensa "terceira força" e não pronunciarem-se contra o imperialismo. É necessário dizer-se que semelhantes raciocínios são pura charlatanice.

É um fato histórico que antes da vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro os povos não haviam conseguido quebrar as cadeias do colonialismo. A história demonstrou que sem o triunfo do socialismo, ainda que apenas numa parte do mundo, não se poderia falar de pôr termo ao colonialismo.

As potências imperialistas, e sobretudo os Estados Unidos, estão empunhando todos os esforços para amarrar os países libertados do jugo colonial a seu sistema e reforçar assim as posições do capitalismo mundial, para injetar-lhe, como escrevem os ideólogos burgueses, sangue novo, para rejuvenescer e consolidá-lo. Se encaramos de frente os fatos, devemos reconhecer que os imperialistas dispõem de fortes recursos econômicos para exercer pressão sobre os países tornados independentes. Ainda conseguem envolver nas redes da dependência econômica alguns países politicamente independentes. Agora, quando já se torna impossível instaurar regimes abertamente coloniais, os imperialistas recorrem a foimas e métodos mascarados de avassalamento e pilhagem dos países libertados. Ao mesmo tempo, as potências coloniais dão toda sorte de apoio às forças reacionárias internas dos países emancipados e tentam implantar regimes ditatoriais e submissos e arrastar esses países para blocos agressivos. Embora entre os Estados imperialistas se observem contensões bastante agudas, a muito atuam em comum contra o movimento de libertação nacional.

Mas, se tivermos em conta todos os fatores que influem nos destinos dos povos libertados do jugo colonial, devemos tirar a conclusão de que, de maneira definitiva, prevalecerão as tendências do progresso social, opostas ao imperialismo.

No entanto, estas questões se resolvem em luta aguda dentro de cada país. A Declaração da Conferência contém importantes teses relativas às questões fundamentais da marcha do movimento de libertação nacional e aponta as tarefas para cujo cumprimento

lutam os partidos comunistas, assim como a posição destes em relação às diferentes classes e aos distintos grupos sociais. Expressando a unidade de opinião dos partidos marxista-leninistas, a Declaração indica que se utilizem ao máximo as possibilidades revolucionárias das diversas classes e camadas sociais, que se incorporem à luta contra o imperialismo todos os aliados, mesmo os mais inconscientes, vacilantes e mutáveis.

Os comunistas são revolucionários e procederão erroneamente se não perceberem as novas possibilidades, se não encontrarem métodos e formas novas que os conduzam melhor ao objetivo colimado. Deve destacar-se particularmente a idéia exposta na Declaração acerca da formação dos Estados de democracia nacional. Na Declaração se definem as características fundamentais dos referidos Estados e as tarefas que estão destinados a cumprir. É importante salientar que, dada a enorme diversidade de condições concretas nos países cujos povos despertaram e fazem já a história, não podem deixar de surgir múltiplas formas de solução dos problemas impostos pelo progresso social.

A aplicação justa da teoria marxista reside precisamente em levar em conta os traços específicos da vida econômica, política e cultural dos povos ao buscarem as formas de congregação de todas as forças sadias da nação e assegurar a papel dirigente da classe operária na frente nacional, na luta pela extirpação decidida das raízes do imperialismo e dos restos do feudalismo, por abrir caminho para avançar, no fim de contas, para o socialismo.

Atualmente, quando a reação imperialista tenta impor aos jovens Estados libertados a política do anticomunismo, adquire singular importância o completo esclarecimento das idéias e aspirações dos comunistas. Os comunistas apoiam as medidas de caráter democrático geral dos governos nacionais. Ao mesmo tempo, os comunistas explicam as massas que estas medidas de forma alguma são socialistas.

Questões ideológicas

Depois de historiar as medidas de caráter prático tomadas pela União Soviética, com o apoio de outros países, em favor dos povos coloniais e dependentes, Kruschiov abordou problemas ideológicos do movimento comunista, tornando homenagem aos grandes mestres do marxismo: Marx, Engels, Lenin, e disse:

"É difícil e árduo o caminho do movimento comunista. Nenhum partido enfrentou tantas provas e sacrifícios como os comunistas. Um sem número de reacionários tentou aniquilar o comunismo. Mas o comunismo saiu fortalecido de todas as provas e passou a constituir a poderosa força de nossa época."

Depois de acentuar que existem hoje no mundo partidos comunistas e operários em 87 países com 36 milhões de membros, e que somente depois das Conferências de Moscou, em 1957, foram fundados 11 partidos comunistas, o dirigente soviético acrescentou:

Para os comunistas soviéticos, filhos da Revolução de Outubro, é um axioma a necessidade da transformação revolucionária da sociedade capitalista em sociedade socialista. O caminho para o socialismo passa pela revolução proletária e pelo estabelecimento da ditadura do proletariado. Quanto às formas de transição ao socialismo, estas, como assinalou o XX Congresso do P.C.U.S., serão cada vez mais diversas e não é obrigatório que a passagem ao socialismo em toda parte e em todos os casos, esteja vinculada à insurreição armada e à guerra civil. O marxismo-leninismo parte do pressuposto de que as formas de transição ao socialismo podem ser pacíficas e não pacíficas. A revolução por via pacífica corresponde aos interesses da classe operária e das massas populares. Mas se as classes dominantes respondem com a violência à revolução e não querem submeter-se à vontade do povo, o proletariado deve quebrar sua resistência, deve levantar-se em decidida luta armada para Espanha-las.

Estamos conscientes de que, com o aumento do poderio do sistema socialista mundial e elevar-se a organização da classe operária nos países capitalistas, criam-se condições cada vez mais favoráveis às revoluções socialistas. Para a passagem ao socialismo nos países onde existem tradições parlamentares profundamente enraizadas, poderá utilizar-se também o Parlamento, e em outros países, as instituições correspondentes às suas tradições nacionais. No caso disso, não se trata da utilização do Parlamento

(Conclusão)
Agora está em curso uma guerra análoga na Argélia. Que guerra é essa? É a insurreição do povo árabe da Argélia contra os colonialistas franceses e a travada em forma de guerra de guerrilhas. Os imperialistas dos Estados Unidos e da Inglaterra ajudam com armas a seus aliados franceses. Mais tarde algú, permitiram que a França, membro da OTAN, deslocasse unidades militares da Europa para lançar na luta contra o povo argelino. Este recebe também ajuda que lhe prestam os países vizinhos e outros que simpatizam com suas aspirações de liberdade. No entanto, esta é uma guerra do povo por sua independência. É uma guerra sagrada. Nós reconhecemos tais guerras e ajudamos e ajudaremos os povos que lutam por sua libertação.

Vejamos o exemplo de Cuba. Ali também houve uma guerra. E também começou como insurreição contra o regime tirânico interno apoiado pelo imperialismo norte-americano. Batista era um testa-de-ferro dos Estados Unidos, que o ajudavam ativamente. No entanto, os Estados Unidos não intervieram diretamente nessa guerra com suas forças armadas. O povo cubano, sob a direção de Fidel Castro, triunfou.

Podem ocorrer de futuro guerras como essa? Sim, podem. Podem ter lugar insurreições como essa? Sim, podem. Mas são precisamente guerras ou insurreições populares. Podem criar-se em outros países condições nas quais o povo, esgotada a paciência, se levantará de armas nas mãos? Sim, podem criar-se. Qual a atitude dos marxistas para com essas insurreições? A mais positiva. Essas insurreições não podem ser identificadas como as guerras entre os Estados, como as guerras locais, porque nessas insurreições o povo luta para exercer seu direito a autodeterminação, por seu desenvolvimento social e nacional independente. São insurreições contra regimes reacionários apodrecidos, contra os colonialistas.

"Camaradas: a humanidade atingiu uma etapa histórica em que já está em condições para dar solução a problemas insolúveis para as gerações anteriores. Isto se refere também ao mais candente dos problemas, o problema de evitar uma guerra mundial."

A coexistência pacífica

Depois de acentuar a potência do campo socialista e das forças da paz no mundo e que a política exterior da União Soviética está orientada no sentido do fortalecimento da paz, Kruschiov mostrou quais as bases da política de coexistência pacífica pela qual a URSS tem-se batido firmemente. Disse:

"A própria vida confirma a justiça da política leninista de coexistência pacífica entre Estados de diferente regime social, consequentemente seguida pela União Soviética e pelos demais países socialistas. Nosso partido considera a política de coexistência pacífica, que nos foi legada por Lenin, como a linha geral de sua política exterior. A coexistência pacífica é o grande caminho das relações entre os países socialistas e capitalistas.

A aplicação consequente da política de coexistência pacífica fortalece as posições do sistema socialista mundial, contribui para aumentar seu poderio econômico, acrescenta seu prestígio internacional e sua influência entre as massas populares e lhe proporciona condições propícias no terreno da política exterior para a emulação pacífica com o capitalismo.

Graças à aplicação pelos países socialistas de uma política acertada, uma política de luta ativa contra os imperialistas incendiários de guerra, o prestígio da União Soviética e de todos os países socialistas atingiu um grau invejável. É um fato que os países socialistas ocupam, hoje excelentes posições internacionais. O prestígio dos partidos irmãos que atuam nos países capitalistas, em condições particularmente difíceis, também cresce dia a dia. Todo o mundo reconhece hoje que a ativa, eficaz, e influente política exterior da União Soviética e dos demais países socialistas ganha para a causa da paz e do socialismo novos e novos milhões de seres humanos.

Na política de luta ativa pela paz deu força dinâmica aos atos da política exterior dos países socialistas. Nos últimos anos, a infletida no plano internacional pertence à União Soviética, aos países socialistas, enquanto que os Estados imperialistas e seus governos passaram a uma defensiva cerrada. Seu prestígio e a cotação de suas ações em política exterior caíram mais baixo do que nunca.

A política de coexistência pacífica contribui para o desenvolvimento das forças do progresso e das forças que lutam pelo socialismo, e nos países capitalistas facilita a atividade dos partidos comunistas e de outras organizações progressistas da classe operária, favorece a luta dos povos contra os blocos militares agressivos e contra as bases militares estrangeiras e concorre para os êxitos do movimento de libertação nacional.

Deste modo, a política de coexistência pacífica, por seu conteúdo social, é uma das formas da intensa luta econômica, política e ideológica do proletariado contra as forças agressivas do imperialismo na arena internacional. A luta contra o imperialismo só pode ter sucesso com a condição de que de uma réplica contundente a seus atos agressivos. Com imprecações verbais não se pode pôr freio aos aventureiros imperialistas. Só existe um caminho para deter o imperialismo: o fortalecimento constante do poderio econômico, político e militar dos Estados socialistas, a máxima coesão e o máximo fortalecimento do movimento revolucionário mundial e a mobilização das grandes massas populares para a luta destinada a conjurar o perigo de guerra.

Uma vez que os imperialistas prosseguem na corrida armamentista, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética e o governo soviético persistirão em seus esforços e farão o possível para aumentar a capacidade combativa de nosso país.

Ao responder aos atos agressivos do imperialismo, o nosso Partido e nosso governo dão constantes provas de firmeza e serenidade. Procuramos sempre imprimir ao desenvolvimento dos acontecimentos um curso tal que permita, ao mesmo tempo que defender os interesses do campo socialista, impedir que os provocadores imperialistas desencadeem uma nova guerra mundial."

O desarmamento

Depois de denunciar os preparativos de guerra efetuados pelos imperialistas em diversas partes do mundo mas particularmente na Alemanha Ocidental, Kruschiov prosseguiu:

"Camaradas! Se a questão-chave de nossa época consiste em evitar uma nova guerra, o caminho mais radical para isto é o desarmamento. A Conferência de representantes dos partidos marxista-leninistas afirmou que a realização do programa do desarmamento geral e completo, proposto pela União Soviética, teria uma importância histórica para os destinos da humanidade.

Nossa luta pelo desarmamento não é um recurso tático. Aspiramos sinceramente ao desarmamento. E isto nos baseamos inteiramente nas posições doutrinárias do marxismo-leninismo. Já Engels assinalava, em fins do século passado, que o desarmamento era possível e o denominou de "garantia da paz". Em nossa época, a palavra-de-ordem do desarmamento foi apresentada pela primeira vez como tarefa prática por Lenin, e as primeiras propostas soviéticas de desarmamento geral — ou parcial, se os capitalistas não aceitavam o desarmamento total — foram apresentadas já na Conferência de Génova.

A luta pelo desarmamento é um importantíssimo fator para impedir a guerra, é uma luta eficaz contra o imperialismo. Nela o campo socialista conta com o apoio da maioria da humanidade.

Os ideais da paz e do progresso são nossos mais sentidos ideais. No Manifesto inaugural da Primeira Internacional, redigido por Marx, proclamava-se já a "reivindicar que as simples leis da moral e da justiça, que devem presidir às relações entre os indivíduos, sejam as leis supremas das relações entre as nações" (K. Marx e F. Engels, Obras, t. XVI, p. 11).

Quando lançamos a palavra-de-ordem de luta por um mundo sem armas e sem guerras, não esqueçamos, é claro, que nas circunstâncias atuais, dada a existência de dois sistemas mundiais diferentes, há ainda no campo imperialista forças bastante consideráveis que, longe de apoiar esta palavra-de-ordem, combatem-na.

A luta pelo comunismo é um problema de classe. Mas a luta pela paz é um problema para cuja solução podem unir-se não só as forças da classe operária, dos camponeses e da pequena burguesia, mas também parte da burguesia, que percebe o perigo real de uma guerra termonuclear.

Por conseguinte, a palavra-de-ordem de luta pela paz não está em contradição com a palavra-de-ordem de luta pelo comunismo. Ambas as palavras-de-ordem se conjugam porque, para as grandes massas populares, o comunismo representa uma força capaz de salvar a humanidade dos horrores de uma aniquiladora guerra nuclear, com o emprego de foguetes, enquanto que na consciência das massas o imperialismo se associa cada vez mais à guerra, com um regime que gera conflitos bélicos. Por isso, a palavra-de-ordem de luta pela paz é como um satélite da palavra-de-ordem de luta pelo comunismo."

"A luta pelo desarmamento — acrescentou o primeiro-secretário do C.C. do P.C.U.S. — é uma luta ativa contra o imperialismo, pela diminuição de suas possibilidades de fazer a guerra. Os povos devem fazer tudo para conseguir que se probem e se destruam as armas atômicas e os demais tipos de armas de extermínio em massa. Então a paz estará garantida e ante os povos se abrirão as mais favoráveis perspectivas para organizar sua vida de acordo com seus anseios e interesses.

A condição precípua para alcançar progresso no desarmamento é a mobilização das amplas massas populares, sua pressão cada vez maior sobre os governos imperialistas.

Na política do campo capitalista em relação aos países socialistas destacam-se duas tendências: uma belicosa e agressiva e outra moderada e lucida. Lenin assinalava a necessidade de estabelecer contactos com os círculos da burguesia que tendem para o pacifismo, "embora este seja o mais mediocre" (Obras, t. XXXIII, p. 236). E acrescentava que na luta pela manutenção da paz devemos utilizar também os representantes sensatos da burguesia.

A justiça dessas palavras é confirmada também pelos acontecimentos de nossa época. Entre as classes dominantes do campo imperialista domina o temor do futuro do capitalismo. Os círculos mais reacionários dão mostras de um nervosismo crescente e tendem ao aventureirismo e à agressão, com a ajuda dos quais esperam regularizar seus desordenados negócios. Ao mesmo tempo, nos meios governamentais desses países existem também forças que compreendem o perigo que uma nova guerra acarretaria ao próprio capitalismo. Daí as duas tendências: uma orientada para a guerra e outra para aceitar, desta ou daquela forma, a idéia da coexistência pacífica.

En sua política os Estados socialistas tomam em consideração ambas as tendências, tratam de manter conversações e concluir acordos com os países capitalistas à base de propostas construtivas, procuram desenvolver os contactos pessoais entre os estudantes dos países socialistas e dos capitalistas. Deve-se continuar aproveitando toda possibilidade de desmascarar os partidários da guerra fria, os partidários da corrida armamentista; deve-se mostrar às massas populares que os tais socialistas lutam sinceramente por manter a paz no mundo.

Na consciência de todos os povos força-se a convicção de que precisamente os comunistas propugnam por relações entre os Estados baseadas nos princípios da coexistência pacífica e são eles os mais ardorosos e consequentes lutadores pela paz. Podemos orgulhar-nos de que na mente dos povos a paz e o comunismo se fundem cada dia mais num todo único.

Os comunistas consideram que se todas as forças progressistas e pacíficas de nossa época — os países do sistema socialista, a classe operária internacional, o movimento de libertação nacional, os jovens Estados nacionais, todos os países contrários a

decididamente em duas frentes: contra o revisionismo, que continua sendo o perigo principal, e contra o dogmatismo e o sectarismo. O dogmatismo e o sectarismo, se não movermos contra eles uma luta consequente, também podem converter-se no perigo principal nesta ou naquela etapa do desenvolvimento de alguns partidos.

Os partidos comunistas e operários consideram seu dever internacional empuñar a bandeira do marxismo-leninismo criador, condição decisiva de todas as nossas futuras vitórias."

A unidade do movimento comunista

Krushchiov continua:

"Camaradas! A luta entre as forças comunistas e todas as forças populares, de um lado, e as do imperialismo, do outro, entra numa nova etapa. Nestas condições, a coesão das fileiras do campo socialista e de todo o movimento comunista internacional adquire uma importância de primeira ordem. Nossa unidade, à base dos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário, constitui, a condição primordial para que a classe operária alcance a vitória sobre o imperialismo. E' para nós sagrado o ensinamento do grande Lenin: Marçhar adiante, as mãos firmemente unidas. A unidade de nossas fileiras duplica as forças do comunismo. Unidade, unidade, uma vez mais unidade — esta é a lei do movimento comunista internacional.

Da essência mesma do leninismo se conclui que nenhum partido marxista-leninista pode admitir não somente em suas fileiras, mas tampouco no movimento comunista internacional, nada que possa minar a unidade e a coesão deste movimento."

A seguir, Kruschiov citou um trecho da Declaração em que se diz:

"A defesa da unidade do movimento comunista internacional à base dos princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário e a inadmissibilidade de qualquer ato que possa abalar esta unidade, constituem condições necessárias para a vitória da luta pela Independência nacional, a democracia e a paz, para resolver com êxito as tarefas da revolução socialista e da construção do socialismo e do comunismo. A violação destes princípios debilitaria as forças do comunismo."

E acrescentou:

"Deve-se assinalar que a delegação do P.C.U.S. expôs na Conferência seu ponto-de-vista a respeito da formulação de que a União Soviética marcha na vanguarda do campo socialista e o P.C.U.S. e a cabeça do movimento comunista. Nossa delegação declarou que nessa formulação víamos, antes de tudo, uma elevada apreciação dos méritos de nosso partido, fundado por Lenin, e expressou seu cordial agradecimento a todos os partidos irmãos. Nosso partido, educado por Lenin, sempre considerou seu dever primordial o cumprimento de suas obrigações internacionais perante a classe operária mundial. A delegação assegurou aos participantes da Conferência que nosso partido continuará empunhando a bandeira do internacionalismo proletário e não poupará forças para cumprir seus deveres internacionais.

Ao mesmo tempo, a delegação do P.C.U.S. propôs que não se incluisse esta formulação na Declaração nem em outros documentos do movimento comunista.

No que se refere aos princípios em que devem basear-se as relações entre os partidos irmãos, o P.C.U.S. expôs com toda a clareza em seu XXI Congresso a posição que mantém quanto a este problema. Da tribuna do Congresso declaramos perante o mundo que no movimento comunista, da mesma forma que no campo socialista, existiriam a plena igualdade de direitos e a solidariedade de todos os partidos comunistas e operários e dos países socialistas. O Partido Comunista da União Soviética não dirige os demais partidos. No movimento comunista não existem partidos "superiores" e "subalternos". Todos os partidos comunistas são iguais e independentes, sobre todos eles recai a responsabilidade pelos destinos do movimento comunista, suas vitórias e seus revezes. Cada partido comunista e operário é responsável perante a classe operária e os trabalhadores de seu país, perante todo o movimento comunista e operário internacional.

A importância da União Soviética não se deve a que dirija os demais países socialistas, mas a que foi a primeira a trilhar o caminho do socialismo, a que o país mais poderoso do sistema socialista mundial, acumulou uma enorme experiência positiva na luta pela construção do socialismo e ingressou primeiro na etapa da construção do comunismo. Na Declaração destaca-se que a vanguarda, por todos reconhecida, do movimento comunista mundial é e continuará sendo o Partido Comunista da União Soviética, o deslocamento de maior experiência e o mais temperado do movimento comunista internacional.

Atualmente, quando existe um bom número de países socialistas, cada um com suas próprias tarefas; quando existem 87 partidos comunistas e operários, cada um dos quais tem também suas tarefas específicas, é impossível dirigir de qualquer centro os países socialistas e os partidos comunistas. É impossível e, além disso, desnecessário. No partidos comunistas se formam quadros experimentados de marxistas-leninistas capazes de dirigir seus próprios partidos e seus próprios países.

Além disso, como se sabe, o P.C.U.S. não dá diretiva alguma aos outros partidos. Chamar-nos "cabeça" não nos traz nenhuma vantagem, nem ao nosso partido nem aos demais partidos. Ao contrário, só cria dificuldades.

O texto da Declaração evidencia que os partidos irmãos concordaram com os argumentos de nossa delegação. Pode-se perguntar: não se vê a debilitada nossa coesão internacional pelo fato de que na Declaração não figure a mencionada frase? Não, não se verá debilitada. Atualmente não existem estatutos que regulem as relações entre os partidos, mas em troca temos ideologia marxista-leninista que nos é comum, e a fidelidade a esta ideologia é a condição principal de nossa solidariedade e de nossa unidade. É preciso lutar-se de modo consequente pela doutrina de Marx, Engels e Lenin, aplicar firmemente os princípios do marxismo-leninismo, e então se reforçará sem cessar a coesão internacional do movimento comunista."



O Brasil presente

JORNAIS IUGOSLAVOS CALUNIAM A REVOLUÇÃO CUBANA

Pequim — (Agência Sinhá) — O jornal "Komsomolski" (Diário do Povo) publicou uma reportagem sobre as acusações que os jornais de Tito têm levantado contra a Revolução Cubana. Recentemente, a imprensa iugoslava publicou uma série de artigos acusando a verdade sobre a situação em Cuba, chamando a política do governo cubano, mantendo o que qualifica de "caos" e "incertezas" em Cuba, denunciando clinicamente a política imperialista dos Estados Unidos e tratando maliciosamente criar obstáculos às relações entre Cuba e os países socialistas.

Um dos artigos, intitulado "Nuvens sobre a Ilha", publicado em POLÍTICA descreve um quadro negro da situação em Cuba. Sem levar em conta as maiores conquistas do povo cubano na consolidação de sua revolução e no desenvolvimento de sua economia, seu hieralismo e espírito revolucionário ao vencer todas as dificuldades, o autor do artigo se refere a "dificuldades que aumentam dia a dia" com que se enfrenta a Revolução Cubana e a uma série de novos problemas surgidos com as dificuldades econômicas e o avanço das regiões na própria Cuba". Esse artigo chega a afirmar que Cuba realizou sua política de nacionalização "com demasiada rapidez", e a ameaça afirmando que "o problema econômico de Cuba se tornará mais complexo e a situação se agravará mais ainda nos próximos meses". Rebatendo o que se diz nos círculos reacionários, o autor difunde a mentira de que "cada vez há maior penetração comunista nas fileiras do governo cubano" e que a "democracia em Cuba está morrendo".

Um artigo intitulado "Uma fase de 'paz e segurança' em Cuba", publicado pelo jornal "Borba", utiliza os mesmos termos caluniosos, atacando o

Com uma delegação chefiada pelo deputado Domingos Velasco (foto), o Brasil compareceu ao importante conclave realizado na Cidade do México levando o pensamento do nosso povo com relação aos problemas discutidos.

CONFERENCIA LATINO-AMERICANA PELA SOBERANIA NACIONAL, A EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA E A PAZ

Representantes Das Américas Condenam o Imperialismo e Apóiam Luta do Povo Cubano

Dos 200 milhões de latino-americanos, 70% são analfabetos, 120 milhões estão subalimentados e 100 milhões sofrem de enfermidades infecciosas. O índice de mortalidade infantil atinge, como é o caso do Haiti, a 90%. A renda média anual "per capita" nos países do centro e sul do continente, é de 300 dólares, o que equivale à dos Estados Unidos em 1850.

Por outro lado, o mercado latino-americano é um campo altamente frutífero para o capital estrangeiro explorador, cujos lucros, extraídos da exploração cada vez maior da miséria dos povos, são cada vez mais altos. No Brasil, por exemplo, entre 1955 e 1958 as inversões estrangeiras somaram a um bilhão e 95 milhões de dólares, enquanto que os lucros exportados alcançaram a cifra de dois bilhões e 22 milhões de dólares.

Para tratar dessas questões e, relacionados com elas, do magno problema da conquista da emancipação econômica e política dos povos latino-americanos, condição essencial para a libertação da miséria e do atraso em que vivem, foi convocada a «Conferência Latino-Americana pela Soberania Nacional, a Emancipação Econômica e a Paz», que se realizou na Cidade do México de 5 a 9 do corrente, e da qual participaram destacadas figuras da vida

política, economistas, dirigentes sindicais e estudantes e intelectuais da América Latina.

Convocação e Temário

Sob o patrocínio do Conselho Mundial da Paz, a conferência foi convocada pelos representantes da sua Presidência na América Latina, o general Lázaro Cárdenas, ex-presidente do México, o deputado Domingos Velasco, presidente do Partido Socialista Brasileiro, e o engenheiro Alberto T. Castell, representante da Argentina. Em seu manifesto de convocação, a comissão organizadora da manifestação afirma, entre outras coisas: «A legítima aspiração dos povos de decidir seus próprios destinos, não pode ser exercida plenamente nas condições imperantes atualmente em alguns dos nossos países. As suas mais sentidas aspirações, se respondidas com uma política que condicione a exercício da soberania, restringe as liberdades, viola direitos, obstrui a emancipação econômica, sufoca as expressões culturais nacionais, devia recursos imensos para os despesas militares e isola nossos povos entre si e do resto do mundo.»

Estabelecendo como objetivo a formulação de uma política comum que leve os povos da América Latina a desenvolver, para si e para a humanidade, o papel que lhes corresponde na presente situação mundial, o temário apresentado proporcionou a discussão das seguintes questões: soberania nacional, compreendendo os problemas da igualdade jurídica, os princípios da autodeterminação dos povos e da não intervenção e os tratados, acordos e convenções que violam esses princípios; assim como os relacionados com a libertação dos territórios coloniais e o desaparecimento das diferentes formas de dependência colonial e semicolonial, existentes na América Latina, as intervenções imperialistas no Continente, a agressão contra Cuba, a necessidade de uma política exterior independente e de relações com todos os países do mundo, e a situação da América Latina na OEA, na Junta Interamericana de Defesa, na Organização das Nações Unidas e em outros organismos internacionais.

No que se refere aos problemas da Emancipação Econômica, outro ponto do temário, foram discutidas as seguintes

«História do Movimento Operário»

Em virtude de dificuldades que, até agora, não conseguimos superar, somos obrigados a suspender por tempo indeterminado a publicação da seção "História do Movimento Operário", que estava a cargo do companheiro Ivan Ramirez. A publicação de 11 do jornal e que tanto interesse vinha despertando entre os nossos leitores.

Assim que nos for possível, aquela seção voltará a ocupar o rodapé desta página com a mesma regularidade com que a mantivemos por mais de um ano e meio. Por essa suspensão temporária, pedimos excusas aos nossos leitores.

questões: a exploração estrangeira e o subdesenvolvimento na América Latina, a fome e a miséria, os problemas de saúde e da moradia, o desemprego e o analfabetismo, os problemas da criança, da juventude, da mulher e da velhice, orçamentos militares e outros. O problema da Reforma Agrária relacionada com o desenvolvimento econômico na América Latina também foi objeto de discussão, assim como os direitos dos trabalhadores, liberdade, autonomia e democracia sindicais. A questão do domínio inalienável sobre as reservas petrolíferas e demais recursos naturais, o direito a sua exploração direta por parte do Estado e as nacionalizações, também foram objeto de debates.

Os problemas da paz

A questão da paz e o papel dos países latino-americanos em relação ao problema também foram objeto de discussão. Dentre os temas debatidos figuraram: os efeitos da guerra fria na América Latina, contribuição dos países latino-americanos para o desarmamento geral e a coexistência pacífica, a

defesa de Cuba como condição da paz mundial, os fatores de perturbação da paz na América Latina e no mundo (imperialismo, discriminação racial, propagação de guerra) e necessidade da defesa dos direitos humanos e de seu livre exercício.

A organização de um vasto movimento de solidariedade a Cuba, de iniciativas comuns das forças da paz, do apoio mútuo entre os povos da América Latina em suas lutas pela liberdade e a colaboração com todos os homens e mulheres do mundo que lutam por aspirações semelhantes, foram apresentadas como pontos para ação imediata.

Delegações

Delegações de todos os países latino-americanos participaram da Conferência, figurando nelas elementos de destaque na vida política desses países. A delegação do Brasil que participou dos trabalhos foi presidida pelo deputado Domingos Velasco e dela participaram o deputado federal Celso Brandi, o dr. Valério Kander e o advogado Carlos Maura Ronquete.

Teoria e Prática

A Teoria Marxista da Luta de Classes

(Resposta ao leitor Nestor de Carvalho, de Itajubá, Estado de Minas Gerais)

Há 109 anos, em março de 1852, Marx definiu, numa pequena carta a Weydemeyer, os três traços essenciais de sua teoria da luta de classes: as classes não existem sempre — e têm caráter histórico; a luta de classes leva, necessariamente, à ditadura do proletariado; a ditadura do proletariado visa à abolição das classes e à construção da sociedade sem classes — o comunismo.

Marx marcava, assim, à base das lutas e da experiência já acumulada pelo proletariado, a importância decisiva da forma política da luta de classes e da conquista revolucionária do Poder do Estado — e a necessidade objetiva do país, como ensina Lenin, «o primeiro traço, o traço fundamental de uma revolução é a passagem do Poder do Estado das mãos de uma classe para as mãos de outra classe».

É claro que a teoria de Marx não caía do céu. O proletariado começava a atingir, nessa época, sua madureza de classe independente, portadora de missão e de interesses próprios. faltavam-lhe, porém, para cumprir essa missão e defender consequentemente esses interesses, uma doutrina social, um programa político e uma vanguarda consciente. Como combatentes do proletariado, Marx e Engels iniciavam a sistematização das experiências da luta de classes e das conclusões de suas pesquisas científicas. Com o Manifesto do Partido Comunista e com a Liga dos Comunistas, surgiam a análise materialista e dialética da evolução da sociedade em geral, e da sociedade capitalista em particular; o programa revolucionário da classe operária para todo o povo; e o esboço concreto de uma organização de vanguarda, com sua tática e seus métodos.

Arcava-se, assim, o proletariado para a luta de classe em todas as suas formas: econômica, política e ideológica. Até então, ele se limitara, com suas forças próprias, à luta pelas reivindicações econômicas; e definia e criava, para ela, as bases de sua organização sindical, voltada para a defesa de sua própria sobrevivência, como primeira escola de sua luta de classe. Fizera-o, porém, sem consciência ainda de sua missão renovadora e da necessidade e possibilidade de transformar o regime capitalista. E isso era inevitável. A classe operária está chamada, objetivamente, a transformar a sociedade moderna; mas é fruto da luta, da experiência — e também da educação. Criada — como uma classe — pela propaganda, pela ideologia e pela pressão capitalista, a classe operária não alcança, por suas próprias forças, a compreensão de que a luta assalariada; que é necessário estender seu combate — do patrão isolado — ao conjunto dos patrões, como classes; e ao Estado e às instituições que servem às classes exploradoras. Daí, a necessidade de acrescentar ao que há de espontâneo em sua luta de classe — e que se limita à forma econômica e à organização sindical — o elemento consciente, isto é, a consciência da necessidade, dos objetivos e dos caminhos do socialismo. O que distingue o marxismo — dizia Lenin — é que ele entende a luta de classes até a ditadura do proletariado. Para renegar a classe e o povo até esse objetivo político, o indispensável o estado-maior, a vanguarda capaz de definir, em bases científicas, a política justa que deve levar à transformação ulterior desse Poder.

Lenin resumia esses ensinamentos numa definição simples, profunda e, ainda hoje, cheia de atualidade: o Partido é a fusão da consciência socialista e do movimento operário. Com isso, resultava que uma política revolucionária se faz com o apoio na teoria e nas massas. A primeira deve trazer-lhe o reflexo justo da realidade, a consciência científica e a segurança de sua ação renovadora, e o sentido objetivo do desenvolvimento social; a segunda traz-lhe, como elemento decisivo, a força material que encontram, na vida, esse desenvolvimento e essa renovação.

que qualifica de "excessiva levandade" da política do governo cubano e acrescentando que esta política começou a produzir uma "atmosfera de desencantamento que é pouco favorável à manutenção da unidade da maioria do povo, como se pode continuamente em Cuba. Esse artigo procura exagerar as dificuldades econômicas que o nosso país enfrenta, chamando a "Cuba o artificialista exagera também as atividades traiçoeiras das contra-revoluções cubanas, pintando um quadro de caos e desencantamento em Cuba, o qual deveria a Cuba, do que que não se oferece "nem paz nem segurança" ao povo.

Uma reportagem sobre Cuba publicada no mesmo diário iugoslavo repete o refrão do ano norte-americano, assegurando que se Cuba perder a "ajuda dos Estados Unidos" se defrontará com "maiores dificuldades ainda", acrescentando que a situação é extremamente séria. A reportagem acrescenta que o governo cubano adotou certas medidas para aliviar o bloqueio econômico mediante importações de outros países, mas, apesar disso, não pôde evitar as dificuldades". Afirma, sem base alguma, que "os cubanos não sabem que não poderão solucionar completamente seus problemas, dependendo das importações dos países que ofereceram seus próprios mercados para substituir o mercado norte-americano". Terça ainda levar os leitores à conclusão de que não existe outra saída para o povo cubano a não ser a submissão à pressão econômica dos Estados Unidos.

Uma reportagem procedente do Brasil, divulgada em "Borba", ameaça o povo cubano de outro jeito, alegando que um setor do povo brasileiro, que pode considerar-se a camada social majoritária, "não está satisfeita com a política de nacionalização

de Cuba. Afirmam que não era necessário que Castro se afastasse dos demais países da América Latina. Também o acusam de agravar desnecessariamente as relações com os Estados Unidos". Mas o autor da reportagem se vem obrigado a admitir que a intenção dos Estados Unidos de "isolar" Cuba não teve êxito. Lamentava o fato de que as medidas de "alta pressão" tomadas pelos Estados Unidos contra Cuba tivessem provocado dúvidas sobre a política norte-americana e aumentaram o sentimento de abertamente "oposição aos lançamentos". Um artigo intitulado "Cuba sob o embargo dos Estados Unidos", publicado em "Mejdanrodno Politika", a 1º de novembro, desmascara o fracasso da política norte-americana ao lamentar que as medidas de bloqueio impostas pelos Estados Unidos lhes tenham feito perder terreno, em vez de ganhá-lo, e que o bloqueio inevitavelmente obrigaría Cuba a estabelecer laços econômicos mais firmes com o Leste". Ao mesmo tempo, procura maliciosamente semear a discórdia nas relações entre Cuba e os países socialistas, alegando que o desenvolvimento das relações amistosas com os países socialistas é contrário aos interesses e à vontade de Cuba, e atacava Cuba por se haver transformado em "objeto da política de blocos, provocando toda sorte de desastrosas consequências".

NOTA DA REDAÇÃO — As opiniões do correspondente iugoslavo no Brasil, a que se refere este comentário, atribuídas a uma "camada social majoritária" do povo brasileiro, foram na verdade emitidas por jornais opo-
mo o "Correio da Manhã" cujo raciocinar e hostilidade aberta à Revolução Cubana São por demais conhecidos.

ELIAS LAFERTE

Com o mais profundo sentimento de pesar anunciamos o falecimento do camarada Elias Laferte, presidente do Partido Comunista do Chile. Já heitando os 75 anos, o grande e querido dirigente comunista chileno desapareceu depois de longa enfermidade, que o havia afastado de toda atividade prática, sem contudo quebrar-lhe o ânimo de velho e devotado servidor do seu povo, da sua classe e do seu Partido. Servir — eis o verbo que resume o princípio, o meio e o fim da vida de uma nobre e fecunda existência.

A vida de Elias Laferte se confundiu com a própria história da classe operária chilena durante mais de meio século — a é um exemplo de coragem, firmeza, dedicação. Filho de trabalhadores, desde menino teve de empregar-se em duros trabalhos para ajudar a família pobríssima. Suas escolhas foram principalmente a necessidade e o batente: «O que aprendi, à margem das escolas, escrevi eu próprio, em seu livro de memórias, — foi-me ensinado pela própria vida, às vezes com bastante brutalidade».

Trabalhador da «pampa» salitrira, aí nasceu, cresceu, fez-se homem, e aí forjou suas melhores qualidades de combatente operário. A primeira grande batalha em que se viu envolvido foi a da greve nas oficinas da salitre, pertencentes a firmas ianques, em 1907. Assinou então ao espanholo massacre dos grevistas por forças do governo a serviço dos patrões. A palavra exata é mesmo essa: massacre, do que resultaram 2.000 operários mortos e milhares de outros feridos. É com horror que ainda hoje, passados mais de

cinquenta anos, tomamos conhecimento de tamanha carnificina, página das mais negras de toda a história da dominação imperialista em terras da América Latina.

O encontro com Luis Emilio Recabarren, em 1911, assinalou verdadeira virada na vida, de Laferte. Com Recabarren o jovem Elias ganhou plena consciência daquilo que era até então obra do instinto de classe. Ele compreendeu que o caminho de lutas da classe operária chilena era o seu próprio caminho.

Luis Emilio Recabarren era em verdade um líder proletário de vanguarda nacional, fundador do Partido Operário Socialista, mais tarde (1921) transformado em Partido Comunista do Chile. Era um orador de massa, um propagandista político, que infundia confiança, despertava otimismo e com isso a vontade de lutar. Desprezado prematuramente, deixava todavia a sua marca no movimento operário chileno, que não esquece a sua memória e os seus ensinamentos. Entre seus melhores discípulos e continuadores contava-se precisamente Elias Laferte.

Acompanhar a vida de Elias Laferte, desde a greve de 1907, é acompanhar a ascensão difícil, dolorosa, porém inexorável do movimento operário e socialista do Chile, assinalada por etapas de grandes lutas populares, grandes greves, grandes batalhas políticas, a estrondosa vitória da Frente Popular encabeçada pelo Partido Comunista em 1937, a unidade da organização sindical na Central Única, a frente única política nas últimas eleições presidenciais.

Em 1937, exilado no México, recebeu Elias Laferte a notícia de sua

eleição para senador: era a sua anistia decretada pelas massas populares. Um novo capítulo abria-se em sua vida e nesse posto se manteve por dezesseis anos de profícuo labor parlamentar a serviço da classe operária e do povo.

A atividade de um militante revolucionário é sempre um rosário de perseguições, e Laferte conheceu toda a sorte de perseguições: prisões e processos sem conta, calúnias e brutalidades, confinamentos, destérios, exílios, e no meio, largos períodos de clandestinidade. Ao crescer, em suas memórias, os instantes em que se batalhas perdidas no Pacífico, Laferte nos transmite uma série de quadros de estúpida e perversa desumanidade — coisas no entanto anormais nos métodos aplicados pela feroz reação policial.

Em mais de meio século de ativa participação nas lutas sindicais e políticas do proletariado chileno, Laferte, com a experiência que acumulou e com o prestígio que o levava aos postos de comando do movimento operário e comunista, atingiu o ponto máximo de presença do Partido Comunista do Chile.

Por fim, combatido pelos anos e pelas duros provas de toda uma vida de lutas, afetado por grave enfermidade, o indefeso batalhador teve de conformar-se com a quietação física, mas o espírito ardendo como sempre, inquieto, polêmico, indomável. Entregou-se então à redação de um livro de memórias — A Vida de um Comunista, páginas autobiográficas escritas com saborosa simplicidade, de maneira direta, clara, franca, em que nos conta o que viu e ouviu, relata as lutas e agitações de que participou, falando dos homens com quem

lidou, amigos e inimigos, remembering episódios e fatos da política chilena contemporânea — um verdadeiro resumo da história social do seu país na primeira metade deste século.

Ao chegar à última página de suas

memórias, Elias Laferte deixou estampadas estas serenas e fortes palavras:

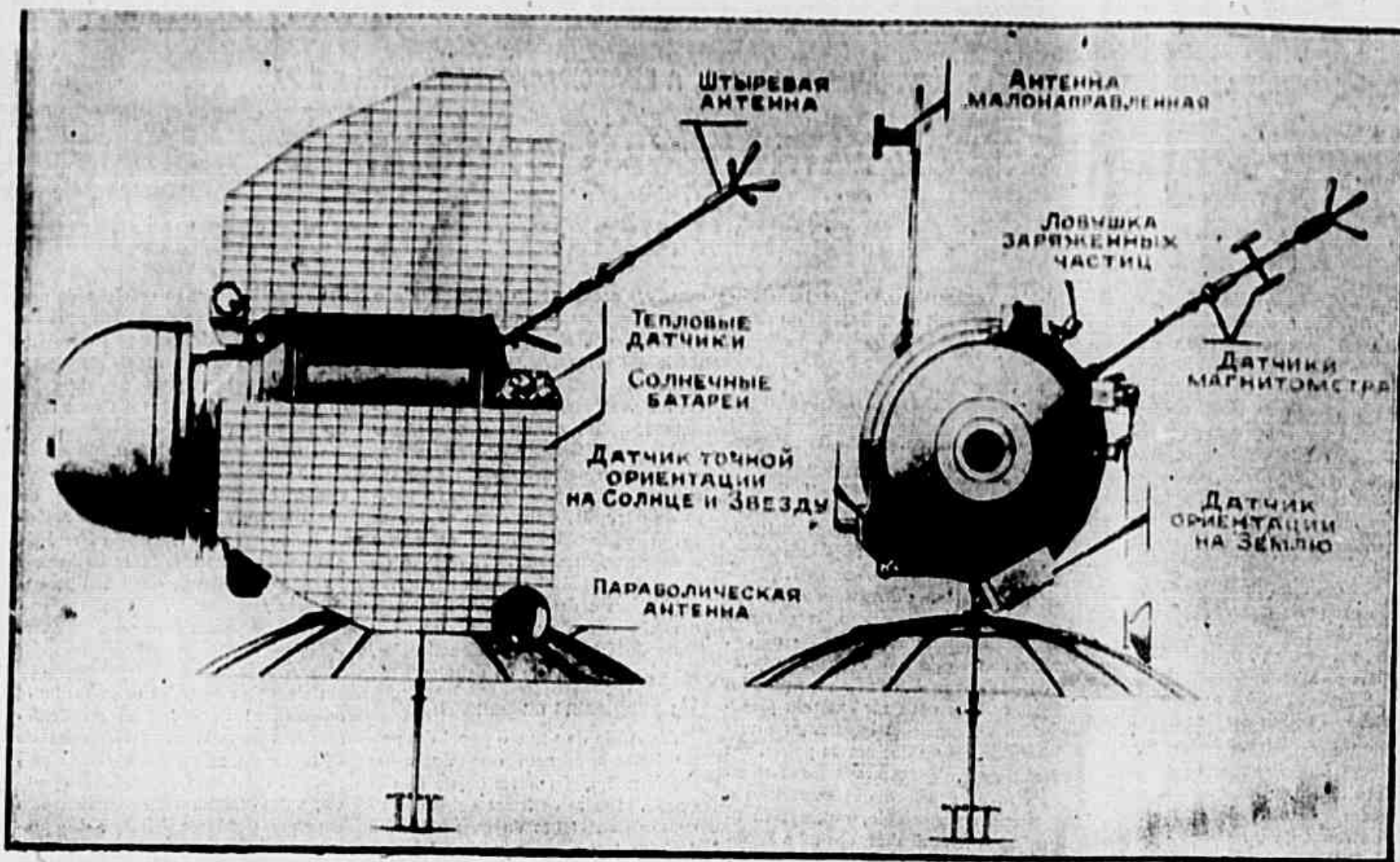
«Agora espero. Que espero? A morte? Não, nada disso. A morte virá o seu tempo, mas eu não perco o meu a aguardá-la. Não, o que espero é o triunfo final dos trabalhadores na luta que sustentam e em que me coube participar, como um soldado a mais, durante cinquenta anos de minha vida».

Grande vida, grande legado a Laferte.

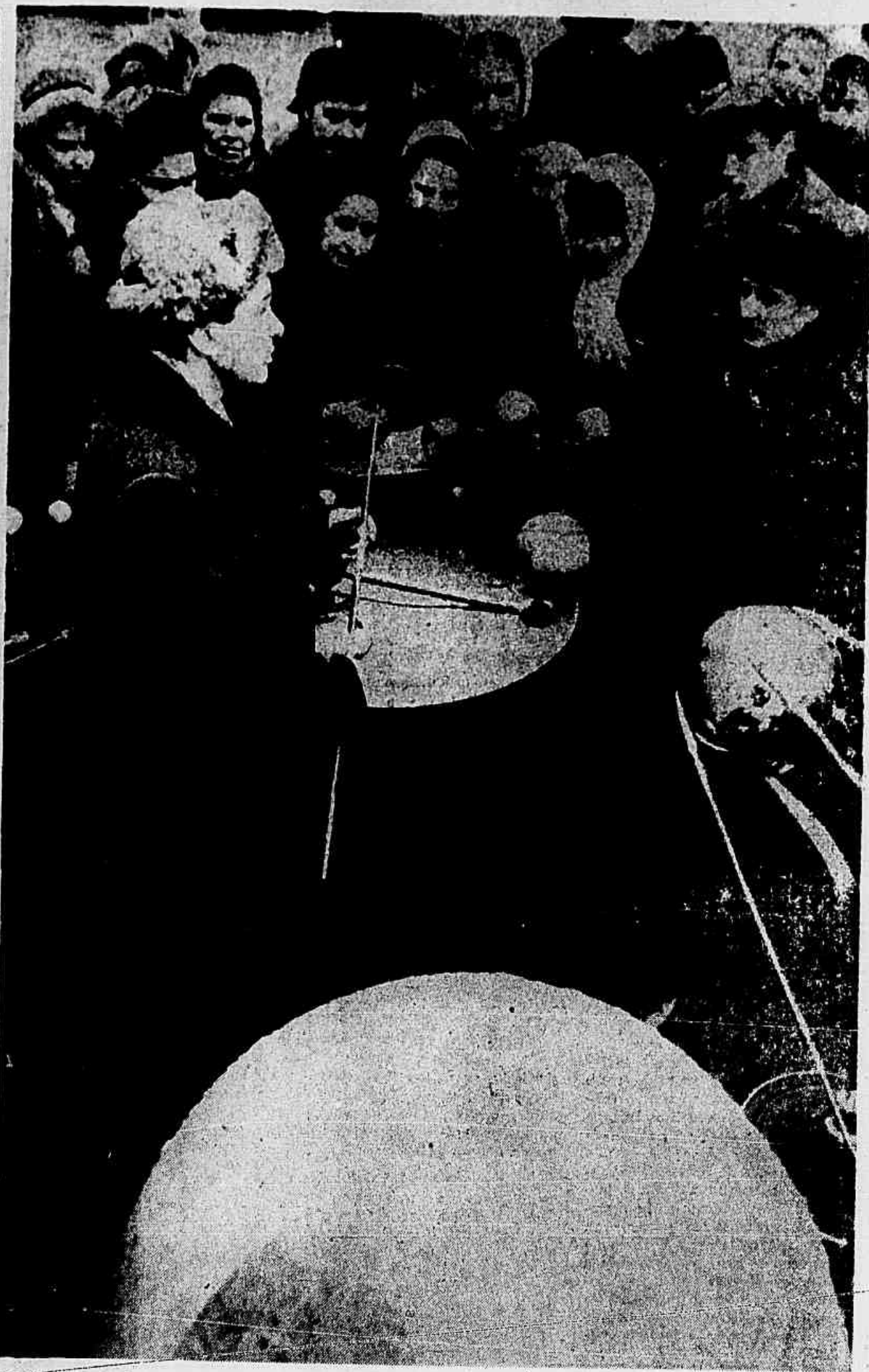
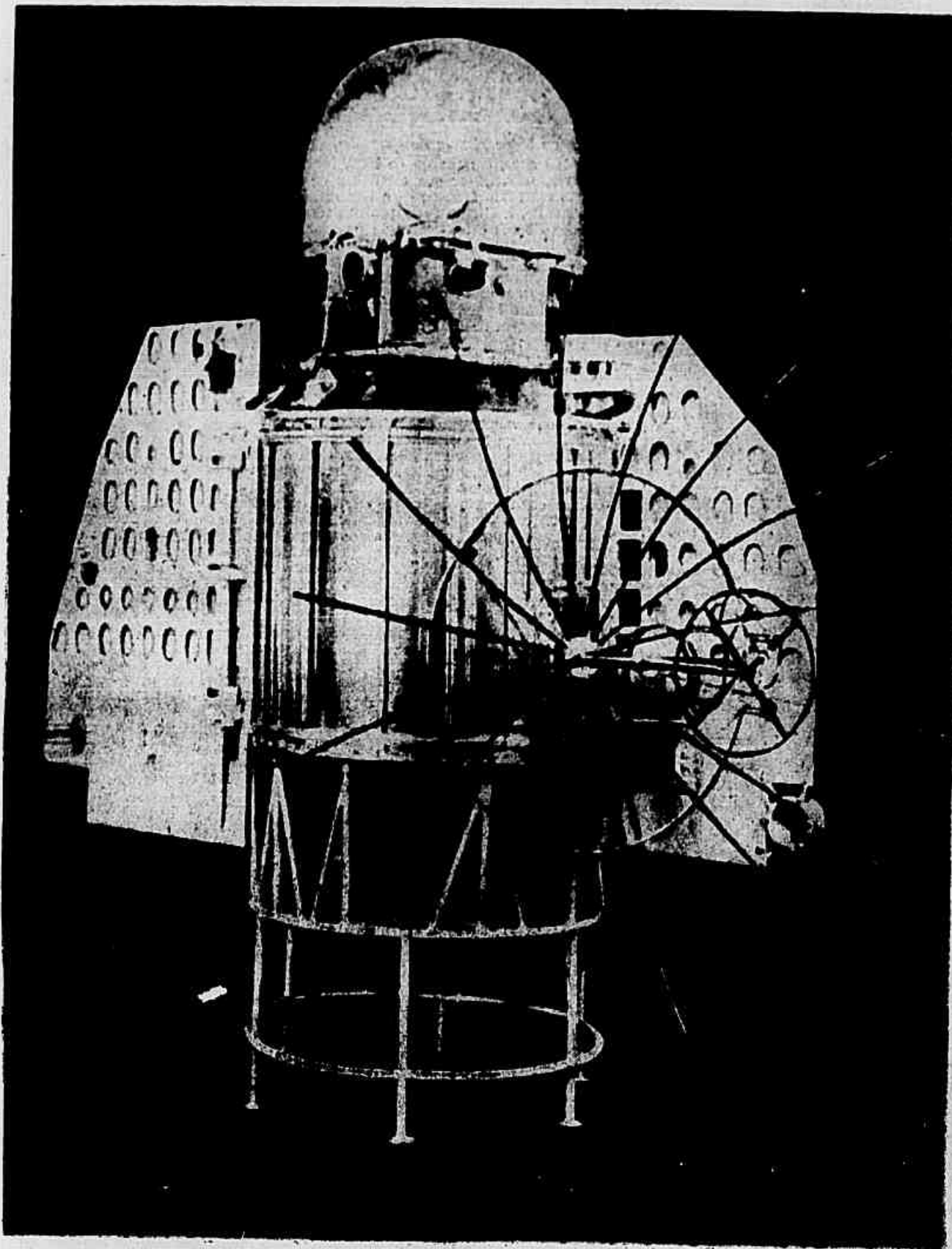


Um destacado dirigente operário

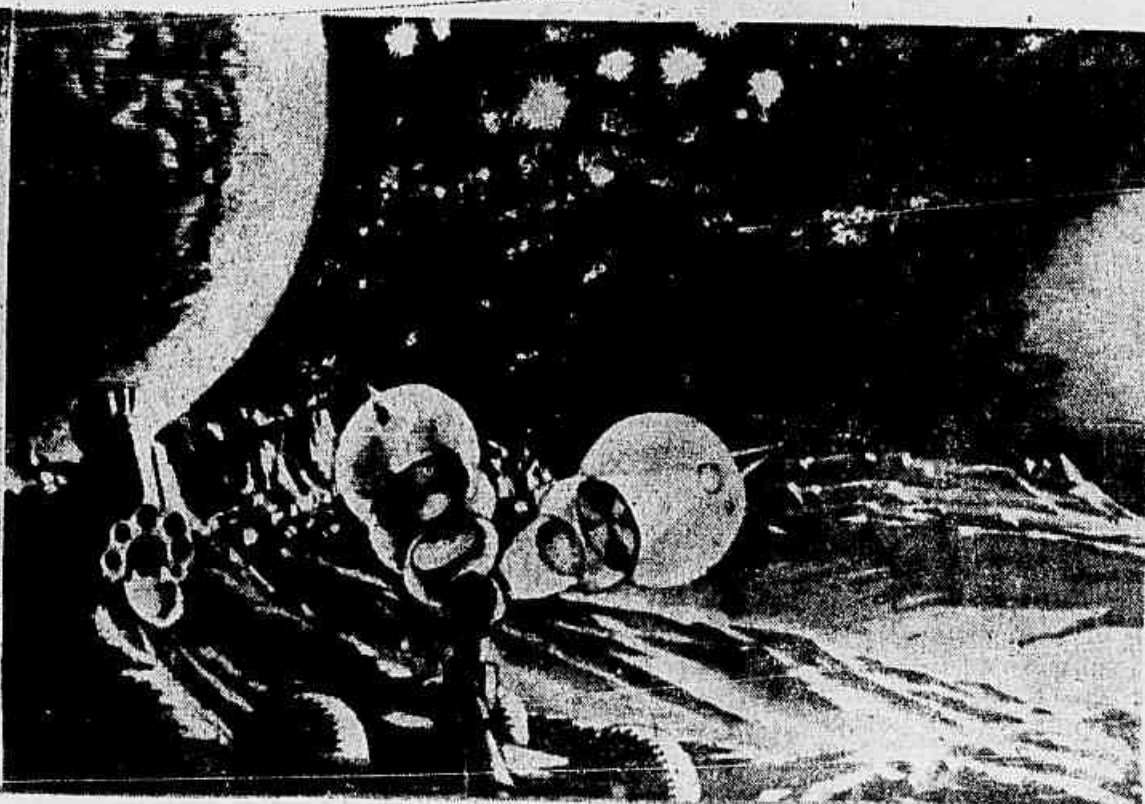
Com cerca de 75 anos de idade, dedicados à luta da classe operária chilena, recebeu a presidente do Partido Comunista do Chile. A foto nos mostra o dedicado dirigente Elias Laferte, por ocasião de sua visita à RDA, quando entrevistou-se com Walter Ulbricht, 1º secretário da PC da Alemanha Democrática. Os dois primeiros, a contar da esquerda, são Ulbricht e Laferte.



"Venusik" (em Silêncio) Continua Seu Caminho



NOVOS RUMOS



EM TODOS os cantos da Terra o voo do «Venusik» estava sendo acompanhado com enorme interesse. Era o primeiro contacto com um planeta de nosso sistema solar. Desde o dia 12 de fevereiro as atenções — dos astrônomos ao homem comum das ruas — voltavam-se para a viagem maravilhosa. Agora, perdido o contacto (talvez apenas provisoriamente) resta a certeza de que a experiência, qualquer que seja o seu resultado, foi mais um significativo passo para a conquista do espaço cósmico.

A bordo da estação automática interplanetária lançada do satélite artificial da Terra foram colocados aparelhos científicos destinados a investigações da irradiação cósmica, dos campos magnéticos, da matéria interplanetária e ao registro dos choques com micrometeoritos. Foi também montado, no interior da estação, um sistema radiotécnico com a função de medir os parâmetros do movimento da estação em relação à Terra, transmitir os resultados das medições realizadas a bordo pelos aparelhos científicos e comunicar os dados a respeito do regime de trabalho das

instalações colocadas a bordo.

O desenho do alto da página é o esquema da estação, com seus dispositivos assinalados.

A foto logo abaixo do desenho, à esquerda, mostra-nos a estação já pronta, na sua plataforma de montagem.

Qualquer lançamento soviético desperta grande interesse popular na URSS, quando todos desejam conhecer os mínimos pormenores do feito. Reúnem-se multidões para ouvir os comunicados da TASS, anchem-se as salas dos observatórios. A ilustração acima, à direita, é um flagrante tomado no Planetário de Moscou, quando o povo atento ouvia explicações sobre os movimentos da estação automática.

Logo que partem da Terra as naves cósmicas, a imaginação dos homens começa a representar gráficamente o que um dia será visto. A foto da esquerda mostra-nos o professor Georgi Poltrovsky, renomado cientista soviético, que, além de suas atividades estímatamente científicas, costuma fazer desenhos que são freqüentemente publicados nos revistas de ciência popular.